

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XX

MARÇO 1959

N.º 150

SEMANA DE ORAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

(7 a 14 de Março de 1959)

Cada vez mais alto!...

No coração de milhares de filhos de Deus em toda a terra está nascendo um desejo de algo mais profundo, mais rico e mais satisfatório na sua experiência religiosa. Há uma insatisfação para com o presente nível de vida espiritual e uma fome intensa de uma relação com Deus mais íntima e que satisfaça melhor as necessidades espirituais. Muitos dos nossos jovens estão procurando a Deus, desejando conhecê-lo melhor e fazer a Sua vontade duma maneira mais perfeita.

Por toda a parte há evidências de que o Espírito de Deus se está movendo sobre os corações dos Seus filhos, convidando-os a subir mais alto, a buscar a Sua face e a conhecer o poder da vida santificada e da vitória sobre o pecado. «Os que estão consagrados ao serviço do Mestre necessitam de uma experiência mais alta, profunda e ampla, que muitos nem sequer pensam ter». — A Ciência do Bom Viver, pág. 451. Muitos de nós estão vivendo uma vida cristã de baixo nível. Estamos-la vivendo mesquinhamente quando a deveríamos viver gloriosamente. Somos indigentes espirituais quando deveríamos ser milionários espirituais, possuindo e desfrutando riquezas em Jesus Cristo.

Os dirigentes da juventude devem lembrar-se sempre de que «ninguém vive para si». O nível da nossa experiência cristã afecta consciente ou inconscientemente aqueles que nos olham. Um chefe satisfeito de si próprio causa um mal incalculável àqueles a quem dirige. Pelo seu exemplo ele falha no primeiro requisito para ser um chefe espiritual: o de inspirar aos outros o desejo de atingir um nível mais elevado e mais santo. O que faz é realmente confirmá-los no estado em que se encontram. David exclamou: «Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por Ti, ó Deus!». Esta revelação da alma de David suspirando por Deus explica a razão do seu poder para afectar a alma dos homens através dos séculos.

Caro dirigente, esta Semana de Oração traz um apelo para ti, para examinares o teu próprio coração e a tua posição diante de Deus. Qual é o nível da tua vida espiritual? Que sede espiritual experimentas ao procurares guiar os teus jovens ao conhecimento de Deus através do companheirismo com Jesus? Deus ordena-nos: «Subi ao monte comigo». Este é o caminho da oração secreta e do exame próprio à luz da Sua Palavra. Precisamos de tomar tempo para ser santos. Tal experiência cristã é custosa, mas abrirá as portas das correntes celestiais e trará resultados que só a eternidade poderá revelar.

E. L. MINCHIN

Vice-Secretário M. V. da Conferência Geral

O PODER DA ORAÇÃO

Por TAYLOR G. BUNCH

A ORAÇÃO e o poder são inseparáveis porque as nossas preces são feitas a Alguém que é todo-poderoso. Elas ascendem em nome d'Aquele que disse: «É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra», e que é portanto «poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos».

Tem-se dito que «a oração pode fazer o impossível», porque «nada é impossível» para Aquele a quem se dirigem as nossas orações. D. L. Moody costumava muitas vezes dizer: «A oração é a força que move o braço que move o mundo», e outra pessoa disse: «Do local secreto da oração proveio o poder que abalou o Mundo na grande Reforma». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 153. A oração genuína foi sempre um poder que abala e que transforma.

O apóstolo Tiago declara que «a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos». Tiago 5:16. Outras traduções dizem: «tem grande poder», «tem um efeito poderoso», «exerce uma poderosa influência», e «um tremendo poder é posto à disposição através da oração fervorosa dum homem bom!».

Requisitos para a Oração ser Atendida

Este texto dá uma das várias condições para se obter resposta à oração. Para a oração ser atendida e ter um «tremendo poder» é preciso que seja dirigida por «um justo». De facto as Escrituras de-

claram que «o que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável», e «se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá». Prov. 28:18. «Atender» significa não só dar atenção, mas amar também. Quando nós, como Jesus, aprendemos a «amar a justiça e aborrecer a iniquidade», não é difícil obter a vitória mesmo sobre pecados que nos dominam.

O Senhor recusa-Se a ouvir e responder às orações dos ímpios excepto quando, à semelhança do publicano no templo, eles clamam por misericórdia e perdão. O Senhor deleita-Se com as orações daqueles que são honestos, humildes e sinceros, que se tornaram membros da Sua família pelo novo nascimento. «Porque deveriam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Omnipotência?» — *Aos Pés de Cristo*, págs. 80, 81.

Alguém disse que «a oração é abrir o coração a Deus como a um amigo». Há bem poucas pessoas a quem possamos revelar confiadamente o mais secreto do nosso coração, mas podemos confiar implicitamente em Deus, o nosso mais fiel Amigo, e ter certeza nas «grandíssimas e preciosas promessas» da Sua Palavra. Fé é crer nas palavras de Deus, mesmo quando não haja qualquer evidência em vista da possibilidade duma resposta.

Vida de Oração Equilibrada

A oração é uma comunhão ou conversação com Deus e, portanto, deve incluir a leitura e o estudo das Escrituras. Deus fala-nos através da Sua Palavra e nós falamos-Lhe através da oração. Em qualquer conversação, a boa educação pede uma divisão equilibrada do tempo. Muito estudo e pouca oração produz uma tendência para o formalismo e o legalismo, uma «forma de piedade» sem o poder que torna a religião uma força vital e viva. Assim eram os Fariseus, cujas rígidas regras e miudinhas distinções teológicas produziam uma religião fria e destituída de amor, ternura e compaixão. Tal religião dá como resultado a intollerância, o fanatismo e mesmo a perseguição.

Por outro lado, a oração sem o conhecimento das Escrituras produz uma religião desequilibrada, zelo sem entendimento, e entusiasmo mal regulado. Leva a estranhas inovações que lançam manchas sobre o genuíno cristianismo. Chega a extremos e fanatismos resultando numa conduta emotiva e ruidosa que é a negação do «espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus».

A oração tem também sido chamada «a alma da religião». Uma religião sem alma seria tão inútil como um corpo sem vida. Seria «um vale de ossos secos» necessitando um poder que a ressuscitasse. Um cristão professo sem oração tem tanta vida espiritual como um cadáver. Foi o espírito de oração que vitalizou a Igreja primitiva e

enviou os crentes ao mundo «vencendo e para vencer».

Também se tem dito que a oração é «o mais santo exercício da alma». A Igreja tem muitos exercícios espirituais e missionários, incluindo o estudo da Bíblia, o culto público, a observância do Sábado, a contribuição financeira e a actividade missionária, mas a oração fervorosa é o mais santo e o mais eficaz de todos eles. A todos se dirige o divino convite. «Clama a Mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes». Jer. 33:3. A negligência para com o privilégio da oração deve ser muito desagradável para Deus e é responsável pela presente fraqueza da Igreja, que devia estar gozando os refrescantes efeitos da chuva serôdia numa repetição do poder e dos resultados do Pentecostes.

Jesus declarou que «nada é impossível» àqueles cujas orações são enviadas ao Céu por uma fé viva, mesmo a remoção de grandes montanhas de dificuldades. De facto, tais orações são mais poderosas que a energia atómica.

O que a Oração Não Pode Fazer

Mas as respostas à oração estão restrictas por certos limites. Não somente aquele que a dirige deve ser

justo, mas também o pedido deve estar em harmonia com a vontade de Deus. Quando se não conhece a Sua vontade, a fé diz sempre: «Seja feita a Tua vontade e não a minha». Fazer um pedido quando Deus não falou é presunção. Só o Senhor conhece o futuro e o que é melhor para nós, e devemos mostrar confiança no Seu juízo. Oferecem-se muitas preces presunçosas e egoístas, as quais, caso fossem atendidas, fariam mais mal do que bem. Devemos sempre lembrar-nos que «Não» é tanto uma resposta como «Sim». Os pais experientes dão muitas vezes respostas negativas para o bem futuro da criança.

Quando oramos por paciência, na realidade pedimos provações e dificuldades que unicamente podem desenvolver esta magnífica virtude cristã. Sem paciência não podemos entrar no reino da glória. (Ver Tiago 1:2-4). Os que estiverem prontos para se encontrar com Jesus quando Ele voltar terão passado por grande tribulação, mas as vestes do seu carácter estarão lavadas e branqueadas «no sangue do Cordeiro». Eles terão por isso «a paciência dos santos».

Muitos podem testemunhar por experiência que «a oração pode modificar maravilhosamente a mais desesperada e desanimadora perspectiva». Transforma a escuridão em luz, dúvidas em fé, desânimo

em esperança, desapontamento em confiança, tristeza em regozijo. A oração não modifica Deus, nem altera a Sua maneira de pensar. A demora numa resposta pode indicar a necessidade duma mudança no suplicante, para que possa fazer um melhor uso daquilo que pede e apreciá-lo melhor. Devemos todos agradecer muito a Deus por muitas das nossas orações não terem tido uma resposta afirmativa.

Devemos também lembrar-nos de que a resposta a muitas orações implica uma modificação de condições e circunstâncias que requer tempo e paciência. Outros estão muitas vezes envolvidos na resposta e o Senhor nunca força a vontade de alguém ou interfere na sua faculdade de escolha. Quando oramos pela conversão de alguém, podem-se portanto passar muitos anos para ela se realizar. A resposta a uma das orações de Daniel foi retardada três semanas enquanto o rei da Pérsia estava sendo influenciado a que acedesse ao seu pedido.

Possamos todos nós tornar-nos mais «persistentes na oração» e aprender a «orar sem cessar», o que significa ter sempre um espírito e uma atitude de oração, nunca permitindo que qualquer coisa venha interferir com o nosso programa de oração e com os nossos encontros regulares com Deus.

«Podeis fazer algo mais do que orar depois de haverdes orado, mas nada podeis fazer senão orar antes de o haverdes feito.»

A JUVENTUDE E O TEMPO PRESENTE

Por R. A. VINCE

(Leitura para Sábado, 7 de Março de 1959)

A Juventude em Face da Crise Actual

«O QUE pensas fazer no teu futuro?» — perguntou recentemente um ancião a um jovem a quem desejava mostrar interesse e amizade.

«Que futuro?» — foi a espantosa resposta.

Estaria o jovem gracejando, ou teria ele pensado a sério antes de responder?

O futuro pertenceu sempre à juventude. Se ela é muitas vezes criticada por não lhe dar muita atenção enquanto goza o presente, isso é em grande parte devido ao facto de que é fundamental na sua filosofia da vida que o amanhã lhe pertencerá de qualquer maneira. Amanhã é outro dia, outra oportunidade.

O futuro é a herança da juventude; mas nesta hora crítica da história, o que aguardará os jovens em 1959?

Uma Sombria Perspectiva

Sir Winston Churchill, o valente guerreiro de muitas campanhas, cuja inteligência e visão o tornaram conhecido entre os grandes homens do século, comentou recentemente as crescentes sombras nos negócios humanos:

«Olho para a juventude em todas as suas actividades... e pergunto a mim próprio o que a esperaria se Deus se cansasse da humanidade». Após uma vida de lu-

tas com problemas de Estado e negócios internacionais, seria acaso que uma nota de desapontamento tivesse escapado dos lábios que nos anteriores dias dramáticos haviam declarado: «Não precisamos de recuar a tormenta. Soprem os ventos e batam as ondas — nós havemos de lá chegar?»

Agora, o que vê um jovem que pensa, se deseja olhar à sua roda e formular sérias interrogações; ou se tenta juntar os fragmentos de quebra-cabeças dos negócios da humanidade com que os mais velhos febrilmente se embrulham num frenesi de receios e presságios?

De um lado o coração bate com as espantosas realizações da ciência. A sua imaginação infantil des-

perta para a vida com explorações do espaço e ilimitados recursos da energia nuclear, dos submarinos viajando a 60 milhas por hora e aviões derrubando a barreira do som. Com efeito, parece não haver barreiras do conhecimento e da descoberta que os homens não estejam prestes a penetrar. «Isto», pensa ele, «é a minha herança maravilhosa, o meu futuro».

Mas de outro lado, cada vez mais o espectro de uma guerra inimaginável cobre toda a cena. O seu coração abate-se com a repugnante visão de multidões de homens enraivecidos, jovens, alinhando-se em campos opostos, prontos a oferecer o corpo e a vida pela possessão de um bocado de terra, ou uma filosofia política, ou o desejo de governar sobre os companheiros.

É um quadro sombrio que se torna aterrador ao contemplar ele o resultado de tal conflito.

O Administrador da Defesa Civil da América, Sr. Val Peterson, declarou: «Em última análise, não há verdadeiramente nenhuma nação que se esteja preparando para uma guerra termonuclear. Se os 170 milhões de americanos tivessem todos abrigos contra ataques aéreos (numa guerra semelhante) pelo menos 50 por cento deles morreriam num ataque de surpresa do inimigo», disse ele. Igualmente perturbador é o argumento de que, a menos que seja detida, a corrida às armas em si própria levará inevitavelmente à guerra e essa guerra deve ser total, porque as armas modernas tornam a «guerra limitada» uma impossibilidade.

«Será este terrível futuro também o meu?» — clama o coração da juventude moderna. «Que significará ele para mim? Onde está a minha segurança? Onde está o horizonte brilhante?». Assim a juventude nesta hora de crise está em confusão, e a sua confusão leva à rebelião, à delinquência, ao cinismo. Alguns vivem apenas para o momento, para a satisfação do impulso e do desejo. Por outro lado, há os que são cegamente despreocupados e descuidosamente indiferentes; outros estão-se estóicamente endurecendo para o inevitável.

Ânimo no Senhor

Outros, no entanto, são cristãos, e enfrentam os factos como só os cristãos o podem fazer, com a visão esclarecida pela Palavra profética de Deus. Alguns, sim, um poderoso exército de homens e mulheres jovens, orgulham-se de se chamarem Adventistas do Sétimo Dia. Estão preparados para fazer de Deus o centro dos seus pensamentos. Regozijam-se com o conhecimento de que esses tremendos acontecimentos foram tão claramente anunciados na Bíblia como arautos da volta de Jesus ao mundo. Lêem Lucas 21:25-28. (Ler). Vêem o cumprimento de Joel 3:14: «Multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão».

Estas são as verdades que eles acariciam e das quais tiram a sua força. Reconhecendo qual é o lugar de Deus neste quadro, vêem-n'O regendo os negócios dos homens e das nações e realizando o Seu soberano propósito para a humanidade. Para eles o futuro é brilhante. Não há desapontamento, não há confusão. «O justo... não temerá maus rumores; o seu coração está firme, confiando no Senhor. O seu coração, bem firmado, não temerá». Sal. 112:6-8.

A história relata um comovente episódio na vida do jovem David. Imagine-se esse jovem, recentemente designado para dirigir os destinos de Israel e consciente das suas possibilidades. Como ele se lembra de ter sido trazido do simples trabalho de guardar as ovelhas de seu pai e colocado perante o famoso profeta de Israel com o vaso do azeite da unção e de ouvir Samuel declarar que ele seria rei. (1 Reis 16:13). Lembra-se de como o Espírito de Deus veio sobre ele «desde aquele dia em diante». Relembra a sua confiança ao rei Saul, quando Golias ameaçava o povo. (Ler 1 Samuel 17:34-36).

Porém agora chega o momento em que o futuro lhe parece não encerrar qualquer esperança. O rei Saul voltou contra ele o seu coração por uma violenta inveja. David é caçado no deserto. Vive nas cavernas. É forçado a buscar abri-

go entre os inimigos do seu povo. Habita com eles em Ziclague durante muitos meses, só para encontrar uma crescente suspeita contra a sua pessoa. Então surge «a palha que derruba o camelo». Ziclague, o único lugar de refúgio, é pilhada e destruída durante a sua ausência. A sua família é raptada e David deixado com os seus poucos guerreiros, chorando «até que neles não houve mais força para chorar». Neste momento, acaso olhou o jovem rei para a desapontante cena e disse em desespero: «Que me resta do futuro?» Antes o relato nos diz: «E David muito se angustiou... todavia David se esforçou no Senhor seu Deus». 1 Samuel 30:16. É isto o que os fervorosos jovens adventistas têm o privilégio de fazer agora.

Chamados por Deus

Vede, houve três coisas que David compreendeu no dia em que Deus o chamou:

1. Deus tinha grandes coisas que desejava realizar em benefício de Israel.

2. David pessoalmente era chamado a desempenhar uma parte vital no seu cumprimento.

3. Ele devia aceitar o desafio da situação e viver e agir de um modo proporcional aos factos.

«A cerimónia da unção de David fora efectuada secretamente. Foi aquilo uma indicação ao jovem acerca do alto destino que o aguardava, a fim de que, por entre todas as experiências variadas e os perigos de seus anos vindouros, tal conhecimento pudesse inspirá-lo a ser fiel ao propósito de Deus que deveria ser cumprido por sua vida». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 712.

Foram estes os factores que inspiraram coragem a David. Eles aplicam-se tão bem hoje como então. São agora o antídoto para o prevalente espírito de temor e de

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

sapontamento que penetra a vida de milhões. Certamente para a juventude adventista, chamada a terminar a obra do evangelho na Terra, tais considerações são demasiadamente elevadas para permitir uma fortuita ou mesquinha aproximação da vida. Ser engrenado num plano mais importante que si próprio, e desempenhar uma parte vital no seu êxito — isso é viver com um «V» maiúsculo. E ainda mais, saber que o arquitecto do plano é o próprio Deus, que também o realizará — isso é razão suficiente para ter confiança no futuro.

Para os jovens de hoje, enfrentando a crise, estas verdades significam tudo. Ainda o recentemente falecido H. G. Wells se sentiu constrangido a escrever ao observar o mundo da juventude: «Três quartas partes das dificuldades presentes são devidas à confusão moral e intelectual da juventude sem rumo». Se isso é verdade, os jovens adventistas do sétimo dia não devem ser envolvidos em tal acusação. Para nós só há duas alternativas, como disse certa vez um grande pregador: «Ser uma parte do problema mundial — ou uma parte da solução do problema». Durante esta Semana MV, é nosso propósito estudar como poderemos preencher o nosso papel como parte da solução.

Examinai-vos a Vós Mesmos

Agora mesmo, façamos um demorado exame da nossa vida em relação com estas tremendas realida-

des. «Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos». 2 Coríntios 13:5.

Acreditais que Deus está realizando o Seu propósito? Acreditais que Deus «anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu. E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam»? Hebreus 12:26-28. Acreditais que unicamente ficará o «reino» de Deus «que não pode ser abalado»?

Credeis que Deus está prestes a realizar uma grande obra na Terra? Que «este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim»? Mateus 24:14.

Sabeis que: «Quando o poder divino se combinar com o esforço humano, a obra se propagará como o fogo na palha» e que para esse esforço Deus está contando com esta geração da juventude adventista? (Ellen G. White em *Review and Herald*, 15 de Dezembro de 1885).

Reconheceis o chamado que Deus vos dirige, reclamando hoje o vosso coração e os vossos serviços?

Estará a juventude de hoje disposta a se entregar a Deus com o propósito de salvar os seus jovens companheiros? Entregará ela o seu talento aos banqueiros? Sentirá ela a sua sagrada responsabili-

dade e porá ao trabalho cada talento que Deus lhe deu para a salvação das almas? Qual será a tua resposta?

Pode ser que sejamos como o jovem descrito pelo profeta Zacarias. É um tempo de calamidade nacional. Jerusalém está em ruínas. Só as promessas de Deus iluminam a desesperadora cena. Ei-lo com o cordel de medir. Tenciona prestar um serviço a Deus. Deseja reconstruir Jerusalém e ter uma parte no programa de reconstrução, mas a sua visão é demasiado limitada para atingir as imensuráveis dimensões dos planos de Deus. Ele precisa de saber que vai entrar num programa que requer uma fé e uma dedicação acima do vulgar. Um anjo lhe é enviado: «Corre, fala a este mancebo, dizendo: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão, nela, dos homens e dos animais. E Eu, diz o Senhor, serei para ela um muro de fogo em redor, e Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória». Zacarias 2:4.

Saiamos, pois, da nossa deprimente mediocridade e das enganadoras influências de Satanás, durante esta Semana de Oração. Oremos pelo espírito e pela visão de Calebé, que recusou ser dominado pela grande dificuldade da tarefa de ocupar a terra prometida. «Agora, pois», disse ele, «dá-me este monte de que o Senhor falou... o Senhor será comigo... como o Senhor disse». Josué 14:12.



(Leitura para Domingo, 8 de Março de 1959)

Fundamentos da Fé para os Jovens

A JUVENTUDE do mundo hoje em dia tem diante de si uma quantidade de problemas e interrogações, requerendo todos uma solução. Estamos numa época de investigação intelectual, em que cada nova filosofia reclama o direito de ser escutada, e cada antiga, bem fundada crença tem de se sujeitar à crítica da céptica investigação. A Bíblia, um Deus pessoal, oração, pecado, são conceitos tidos como fora de moda.

Nestas circunstâncias tem a juventude hoje de estabelecer os seus próprios fundamentos — e não admira que alguns estejam achando tal coisa difícil. Jesus, falando deste tempo, disse: «Quando porém vier o Filho do Homem, porventura achará fé na Terra?» Lucas 18:8. E João no Apocalipse responde: «Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Apoc. 14:12. Na última hora de crise, Deus terá um povo que haverá aprendido a importância de ancorar a sua vida nas rochas que o tempo, a experiência e a tempestade provaram inabaláveis. Haverá sempre assunto para discussão e debate sobre os grandes problemas da vida, mas é uma tragédia quando, na agitação da busca duma resposta a problemas inusitados e fantasias, um jovem se intromete no assunto.

Uma pequenita, voltando da escola, abraça alegremente a sua mãe: — «Mãezinha, já sei pôr a pontuação!» — diz ela toda excitada.

— «Muito bem, querida, diz-me lá então como é».

— «É muito fácil, mãezinha» — responde a pequena. «Quando a gente quer dizer que uma coisa é assim mesmo, põe-se um alfinete de chapéu (!); e quando a gente não tem a certeza ou pergunta como é, põe-se um colchete de abotoar (?!)!»

Eis uma lição que todos os jovens deviam aprender o mais cedo possível na escola da vida. Aprender a distinguir entre factos e fantasias. Aprender a pôr os alfinetes de chapéu (!) e os colchetes (?!?) no seu devido lugar e não os confundir.

Se já assististes a uma audiência num tribunal, tendes uma ideia da responsabilidade que tem o juiz de salvaguardar perante o júri a clareza e a exactidão dos factos, apesar da confusão de todos os elementos contraditórios apresentados pelas partes em questão. Qualquer observador se deixa facilmente confundir pelos argumentos aparentemente convincentes de ambos os lados, mas o juiz destaca o ponto essencial e aponta os factos que devem decidir a sentença. Os jovens precisam de fazer uma discriminação semelhante dos princípios que devem reger a sua vida.

A Sr.^a White adverte neste ponto: «Ao mesmo tempo em que Deus deu prova ampla para a fé, nunca removeu toda a desculpa para a descrença. Todos os que buscam ganchos em que pendurar as suas dúvidas, encontrá-los-ão. E todos os que se recusam a aceitar a Palavra de Deus e a obedecer-lhe antes que toda a objecção tenha sido removida, e não mais haja lugar para a dúvida, jamais virão para a luz». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 388.

A admoestação é clara. Ter a certeza de que se encontrará uma «prova ampla para a fé», aceitá-la e obedecer. Então se desenvolverá uma clara compreensão daquilo que não está posto em dúvida.

Lembremo-nos da história do cego de nascença. Após muitos anos de cegueira e solidão, recebeu a faculdade da vista. Imediatamente se abriram para ele as maravilhas do mundo que o cercava. Não havia dúvida nenhuma da realidade da maravilhosa cura que

Jesus tinha feito, no entanto os judeus não acreditaram e até os vizinhos levantaram uma série de dúvidas. Tinha ele sido realmente cego? Como é que tinha sido curado? Quem o curara? Que direito tinha de o fazer? A resposta decisiva do cego encerra uma lição para todos nós: «Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo». João 9:25. Por outras palavras: «Há coisas que eu não sei nem compreendo, mas aquilo que sei ser um facto, disso tenho a certeza».

Há muitas verdades que, se quisermos, podemos confessar com simplicidade de fé e convicção. Temos o privilégio de nos apegarmos a elas. Eis alguns fundamentos dos quais podemos dizer: «Uma coisa sei».

Deus

Ouçamos o Salmista: «Disse o néscio no seu coração: Não há Deus». Sal. 14:1. Porque lhe chama ele néscio? Porque a negação da existência de Deus cria mais problemas do que resolve. As crenças do incrédulo são muito mais incríveis do que as crenças da fé cristã. Como podemos justificar a harmonia e a ordem que se constata no universo? Seria o acaso? Como justificar as maravilhas e os mistérios da planta e da vida animal? É a evolução a resposta? «A vida só provém da vida» é uma lei estabelecida. Até o próprio Charles Darwin declarou: «A impossibilidade de conceber que este grande e maravilhoso universo, povoado de seres conscientes, tenha saído dum acaso, parece-me o maior argumento em favor da existência de Deus».

Não compreendemos muitas coisas acerca de Deus, mas devemos crer que Ele vive e reina sobre o universo. O facto mais importante é que Deus está no Seu trono, e

que aqui neste mundo há muitos factores de difícil compreensão, no que diz respeito às relações de Deus com o homem. Seríamos nós tão néscios até ao ponto de negar a soberania de Deus só porque não abrangemos alguns pormenores?

A Nossa Responsabilidade perante Deus

A existência de Deus implica imediatamente a minha responsabilidade perante Ele. A interessante filosofia do rei Salomão confirma esta verdade. Para ele a vida era um problema. A sua busca de felicidade levou-o a experimentar o estudo, os prazeres, tudo o que a vida podia oferecer, mas não encontrou satisfação. Acabou por chegar à conclusão que havia «no lugar do juízo, impiedade; e no lugar da justiça, impiedade ainda». Ecl. 3:16. Descobriu que «há um justo que perece na sua justiça, e há um ímpio que prolonga os seus dias na sua maldade». Ecl. 7:15. Salomão poderia facilmente ter-se tornado céptico, descrente e materialista na sua maneira de ver, mas no fim ele varre todas estas dúvidas como subordinadas a «uma coisa sei»: «Teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem». Ecl. 12:13.

A Oração

Um dos nossos privilégios — conhecendo que Deus existe — é dirigir-Lhe orações. «Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo». — *Aos Pés de Cristo*, pág. 79. Contudo, «ensina a sabedoria mundana que a oração não é essencial. Homens de ciência pretendem que a oração não pode, na verdade, ser atendida; que isto seria uma violação da lei, um milagre, e que os milagres não existem... Tal ensino opõe-se ao testemunho das Escrituras. Não foram operados milagres por Jesus Cristo e por Seus apóstolos?» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 386. Podíamos acrescentar: Não se consegue ainda hoje milagres por intermédio da

oração? Claro que sim. Não existe uma explicação satisfatória para eles a não ser a intervenção de Deus.

Recentemente um colportor nosso emigrou com a sua família da Inglaterra para a Austrália. Pouco após a sua chegada, este jovem teve um ataque que lhe paralizou completamente os membros do lado direito. Quase a morrer, fez-se por ele uma oração especial e foi ungido, de harmonia com as Escrituras. A partir desse momento pôde deixar o leito e seguir um curso de reabilitação, apesar de continuar paralítico. Passou-se um ano. O braço e a perna continuavam inutilizados e praticamente sem vida. Mas a sua boa esposa, cheia de fé, recusou-se a aceitar a ideia de que as orações pelo seu restabelecimento não seriam ouvidas. Então surgiu novo desapontamento — outro ataque um pouco mais leve! Deveriam desistir de orar? Não! No hospital decidiram procurar mesmo ali um aposento onde ele pudesse ser ungido pela segunda vez. Naquele lugar, o Senhor operou um milagre. Quando a oração foi feita e a unção administrada pelos mesmos pastores que antes, os membros do paralítico começaram a mover-se convulsivamente.

«Irmão C..., em nome do Senhor Jesus Cristo, levanta-te e anda», foram as palavras de fé proferidas pelo ministro. O irmão C... assim fez, sem ajuda, lançando-se nos braços da esposa. Hoje encontra-se totalmente curado. Pergunte-se a este homem se acredita na Oração. A sua resposta será: «Uma coisa sei: eu era paralítico e agora ando».

A Bíblia

Nenhum outro fundamento da fé cristã tem sofrido tantos ataques como a Bíblia. A sua inspiração, a sua exactidão científica, a sua realidade histórica, têm sido constantemente atacadas. As suas aparentes contradições são favoritas dos que «se deleitam em encontrar nas Escrituras alguma coisa que confunda o espírito de outros». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 387.

Mas essas discussões nunca podem obscurecer o facto de que, onde se introduz a Bíblia, aí reina a luz, a paz, o progresso, a alegria, a confiança, e que o seu ideal para a personalidade humana e a sua regra de conduta estão acima de todos os outros. Quando perguntaram a Samuel Taylor Colerige como sabia ele que a Bíblia era a Palavra de Deus, a sua resposta foi: «Porque ela se dirige a mim!» É a experiência comum a todos os leitores sinceros do Livro Sagrado.

O Pecado

Ninguém aprecia a palavra «pecado», e muito menos gostamos que nos lembrem que somos todos pecadores e merecedores da morte. (Rom. 3:23; 6:23). Assim os homens fazem todos os esforços possíveis para explicar o mal pela ciência e se libertarem da sua culpa. Os eugenistas chamam-lhe hereditariedade; os evolucionistas chamam-lhe imaturidade; os psicólogos, impulsos instintivos; e os biólogos, deficiência orgânica. O sentido é: «Chame-se-lhe tudo o que se quiser, menos pecado». Conhecemos também a pergunta: «Porque não matou Deus o demónio, evitando assim que o pecado se desenvolvesse?». Deita-se assim as culpas para cima de Deus. Seja qual for a explicação para a origem do pecado no universo, o facto importante, a «uma coisa sei», é que ele existe em mim; que eu próprio escolho muitas vezes o mal e, apesar de o saber, enveredo pelo caminho das trevas, que mancha a minha alma e arruina a minha existência.

W. G. Branch, discutindo este ponto, escreveu: «Se eu acordar de noite e descobrir que a casa está a arder, serei um louco se me detiver a inventar meia dúzia de teorias diferentes sobre a maneira como o fogo poderia ter tido origem. A realidade é que a casa está em chamas e que, se eu não me mexer, ela arderá completamente e eu morrerei queimado».

Devemos agradecer a Deus o facto ainda mais importante de que, «se confessarmos os nossos pe-

cados, «Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». 1 João 1:9.

A Salvação Individual

Tendo tais verdades fundamentais a que nos apegar, resta-nos uma pergunta essencial. Podemos nós dizer: «Uma coisa sei, que Cristo é o meu Salvador, que os meus pecados estão perdoados, e que pertenço ao Senhor? Podemos dizer com o apóstolo João as seguintes palavras: (Ler 1 João 3:14; 2:3, 4; 3:19, 24)?

Um homem pode conhecer todos os segredos das rochas, e ter o coração tão duro como elas.

Pode conhecer tudo sobre a velocidade dos ventos, e deixar-se arrastar, por paixões tão tempestuosas como eles.

Pode conhecer toda a ciência das estrelas, e ser como um meteoro, cujo fim, depois duma breve carreira brilhante, é apagar-se na noite da eternidade.

Pode conhecer tudo o que o mar encerra, e a sua alma assemelhar-se às águas que não têm repouso.

Um homem pode saber dominar

os elementos, e no entanto não saber dominar o seu espírito.

Pode saber desviar a faísca eléctrica do raio, mas não a ira de Deus de sobre a sua cabeça.

Pode ter todo o conhecimento de Newton, de Laplace, de Watt; pode saber muitos segredos e compreender muitos mistérios.

Mas, se não tiver um conhecimento pessoal do amor de Deus pelos homens pecadores, revelado em Jesus Cristo, de que lhe valerá tudo isso?

«Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?». Mat. 16:26.



(Leitura para Segunda-feira, 9 de Março de 1959)

O Nosso Espírito, Objecto duma Disputa

O Campo de Batalha

DEUS deu-nos o espírito, não para ser unicamente um grande armazém para conter uma vasta colecção de factos, ou mesmo ser uma fábrica para a produção de ideias, mas para ser uma fortaleza para a preservação do bem e a rejeição do mal. A mente é o ponto de foco da batalha entre Cristo e Satanás.

Notemos o triângulo em Lucas 22:31,32 e em Zacarias 3:1,2. No primeiro, vemos Pedro entre Cristo e Satanás. «Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça». No segundo, Josué, o sumo sacerdote, representando a humanidade, «estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor».

Se para muitos jovens os impulsos físicos do corpo são a principal zona do conflito, deve no entanto reconhecer-se que todas as tentações começam no pensamento. Thomas a Kempis descreveu os passos sucessivos na tentação: «Há primeiro o simples pensamento do pecado. Depois forma-se uma imagem do pecado no pano secreto da imaginação. A estranha doçura dessa imagem cai então gota a gota sobre o coração; essa secreta doçura obtém em breve o consentimento de toda a alma e a acção realiza-se».

Na verdade, o campo de batalha propriamente dito é extraordinariamente limitado. Se não somos capazes de abranger o milagre do pensamento, também estamos bem longe de esgotar os recursos da vontade humana.

O nosso cérebro é a cidadela onde mantemos a nossa autoridade.

Dominamos sobre os seus muros e portas. Da minha autoridade depende se Cristo será o meu Mestre e fará em mim a Sua santa vontade, ou se Satanás usurpará o divino privilégio.

Consideremos agora os aspectos práticos do conflito, estudando a obra de Jesus na mente e no coração e, intercaladamente, o plano de campanha adoptado pelo «adversário».

Um Espírito de Moderação

A nossa herança de cristãos inclui um elemento precioso: um espírito de moderação. «Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação». 2 Timóteo 1:7.

Um comentador bíblico deu a seguinte definição: «um espírito equilibrado, que considera as coisas numa perspectiva justa e con-

sidera as suas relações exactas; que não é inquieto, nem excitado». O verdadeiro cristianismo é inimigo de todos os excessos e não se desenvolve com excitações emotivas. Não tem de fugir à realidade para sobreviver, mas antes fornece ao espírito o poder e o amor necessários para encarar com êxito as realidades da vida.

Um espírito de moderação é um dom de Deus, assim como é um dom a sabedoria. (Tiago 1:5). Não nasce conosco. Por natureza somos inclinados a andar «como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido». Efés. 4:14-23. Então abrem-se as portas da cidadela, e a fortaleza torna-se em morada de espíritos imundos. Por isso temos a responsabilidade de cultivar «o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus». Fil. 2:5. Isto só é possível sendo renovados «no espírito do (nosso) sentido». Efés. 4:23.

O Espírito Santo busca uma entrada para a nossa fortaleza mental. O seu trabalho de renovação e regeneração começa por incutir na mente um sentimento de pecado e necessidade. «E, quando ele vier (o Consolador), convencerá o mundo do pecado». João 16:18. Atingido este objectivo, o Espírito leva-nos a entregar a nossa vontade ao domínio de Senhor Jesus. É a conversão, e resulta na tranquilidade da mente e na apreciação do belo. A magnífica perspectiva na nossa frente é uma completa integração na vontade de Deus. «Se consentirmos, Ele por tal forma se identificará com os nossos pensamentos e ideias, dirigirá o nosso coração e espírito em tal conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo os nossos próprios impulsos». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 498.

Pode-se chamar aos cinco sentidos as cinco portas de acesso à fortaleza da alma, e, se queremos manter completamente a autoridade de Jesus na nossa vida, devemos colocar vigias a cada porta. Os três vigias — razão, consciência e vontade — devem determinar quem entrará na fortaleza e quem será excluído, e há a necessi-

dade de os alimentarmos continuamente com o estudo da Palavra de Deus e com a oração, a fim de que eles possam estar constantemente alerta contra qualquer insinuação satânica.

Astúcias de Satanás

O plano de campanha de Satanás não é esperar por um convite e aceitá-lo, mas infiltrar-se disfarçadamente. O seu método não é iluminar a mente, mas cegá-la. «O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo». 2 Cor. 4:4. Felizmente, nos lembra Paulo, «não ignoramos os seus ardis». 2 Cor. 2:11. Aqueles que dão melhor resultado têm como finalidade anular ou distrair a atenção dos vigias — razão, consciência e vontade.

«Satanás concebe inumeráveis planos para nos ocupar a mente, para que ela se não detenha no próprio trabalho com que deveremos estar mais bem familiarizados... Sabe que para ele tudo depende de desviar a nossa mente de Jesus e da Sua verdade». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 357. (O itálico é nosso). Os seus primeiros assaltos são contra o sistema de radar defensivo da alma, avariando os olhos e os ouvidos, que dão o alarme da sua aproximação.

Intoxicação pelos Prazeres

A palavra «intoxicação» sugere-nos a triste cena dos fumadores de ópio, ressequidos, olhos ensanguentados, ou o vício das drogas tão generalizado entre a juventude oriental. A intoxicação pelas drogas é, no entanto, apenas um exemplo da condição dominante na civilização moderna, particularmente entre os jovens. Relativamente poucos são escravos das drogas, mas milhões são escravos de sombras fugitivas e da obcecção dos prazeres.

É verdade que todos nós precisamos recrear-nos de vez em quando. Pacíficos entretenimentos ou

enérgicas actividades ao ar livre são igualmente salutares por proporcionarem uma «mudança» necessária à recuperação de energias e ajudarem a distrair temporariamente dos problemas da vida. No entanto, se chegares à conclusão de que o desporto ou a busca do prazer se torna mais importante para ti do que «a religião... a grande ocupação da vida» (*Mensagens ao Jovens*, pág. 115), então és um intoxicado dos prazeres e Satanás obteve uma grande vitória.

A irmã White escreveu estas significativas palavras para nossa orientação: «O apóstolo procurou ensinar aos crentes quanto importante é guardar a mente de vagar por temas proibidos, ou de gastar sua energia em assuntos triviais. Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás, devem guardar bem as vias de acesso à alma; devem-se esquivar de ler, ver ou ouvir tudo quanto sugira pensamentos impuros. Não devem permitir que a mente se demore ao acaso em cada assunto que o inimigo das almas possa sugerir. O coração deve ser fielmente guardado, pois de outra maneira os males externos despertarão os internos, e a alma vagará em trevas. Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento», escreveu Pedro». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 518.

Quando a busca dum prazer leva a mente a um estado de passividade em que não há independência do pensamento, e em que a mente é dominada por pensamentos fúteis ou impuros, erguendo as emoções a píncaros acima do normal, é certo que se trata de uma intoxicação.

Se se apodera da faculdade criativa de alguém, desgastando-a ao ponto de lhe faltar o pensamento original e só poder falar do prazer que reclama a maior parte do seu tempo e atenção, essa pessoa está intoxicada.

Se o prazer obscurece a visão de nós próprios e enfraquece o auto-domínio, ou nos impede a concentração nos assuntos reais da vida, é uma intoxicação.

Se altera o senso dos valores e afrouxa os princípios nobres da

moral, tem uma influência intoxicante.

Estas condições existem hoje na vida de milhões de indivíduos amantes dos prazeres.

Os divertimentos populares que fecharam milhões de jovens num ciclo de vício, incluem o cinema, o desporto comercializado, a dança e a música selvagem. Hoje vão muitos mais jovens para os cinemas ver sombras em movimento, do que à igreja. O perigo do cinema e da televisão para a mente dos jovens é subtil. «Muitos filmes são estúpidos, sentimentais, indigestos, ou materialistas, e por isso impróprios para estimular uma inteligência aguçada, uma disposição vigorosa e o idealismo da juventude». — *British Medical Journal* (Revista Médica Britânica), 1950, pág. 96.

Veja-se o futebol como outro exemplo. Milhões de obcecados pelas trivialidades do futebol cada ano. Os olhos devoram as páginas desportivas dos jornais. A conversa é constantemente a «bola». Grandes somas de dinheiro despendidas e os jogadores adorados como heróis!

Isto revela falta de capacidade mental para diferenciar entre aquilo que é trivial e aquilo que é importante.

Quando a intoxicação do baile começa na adolescência, raramente se formam ideais elevados do namoro e do casamento. A noção dos valores não é correcta. Tudo o que se relaciona com o sexo, o casamento, e as responsabilidades do lar, se apresenta sob um falso aspecto. Associado a estes perigos está o acompanhamento de música de estilo selvagem.

Conheceu-se bem o forte apelo às emoções que produz a música de jazz. Um médico adventista do sétimo dia, falando a estudantes duma universidade, disse: «Não é necessário nenhum esforço ou concentração para seguir essa música. Basta simplesmente descontraírmolos e deixar que o ritmo invada a mente... Depois sente-se uma irresistível tentação para agitar o corpo seguindo esse ritmo... Quando o jazz se combina ainda com outras danças, os efeitos sobre as emoções podem ser devastadores». — Dr. W. M. Lennox.

A exposição a esses passatempos corroi o carácter cristão, ainda que a princípio o individuo não dê por isso. Tanto na teoria como na prática, o único procedimento correcto é evitá-los.

Junte-se ainda a tudo isto o assalto das bebidas alcoólicas e o sinistro desenvolvimento do hipnotismo como distração, e compreender-se-á que a disputa pela mente humana é real e encarniçada.

O cientista Faraday conta-nos a respeito da sua infância na velha Edinburgo. Quando era rapaz costumava ir entregar jornais para ter algum dinheiro no bolso. De manhã cedo tomava o seu lugar com os outros arduos à porta das oficinas do jornal, esperando a sua encomenda. Uma manhã encontrava-se sobre o degrau do portão de ferro que seria aberto pelo porteiro. Encostou-se a ele e meteu a cabeça e os braços pela grade. Nesta posição deu-lhe para pensar. Como já era um pouco filósofo, cogitou: De que lado do portão é que eu me encontro? A cabeça e os braços estão dum lado, e o

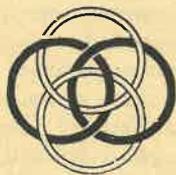
corpo e as pernas estão do outro. «Enquanto estava nesta atitude do corpo e da mente», diz Faraday, «veio o porteiro e abriu o portal com um puxão. Aprendi uma lição para o resto da minha vida! — que, quando se está empenhado nalgum trabalho proveitoso, vale a pena ter o coração e as mãos do mesmo lado!».

É realmente uma boa lição para a juventude cristã, que é hoje tão particularmente o objecto dos ataques de Satanás. Visto que não há tarefa tão importante como o aperfeiçoamento do carácter, devemos procurar uma experiência de completa entrega a Cristo — mantendo uma constante vigilância contra as astúcias de Satanás.

«Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-lhe sob o poder. Basta negligenciarmos fazer aliança com o reino da luz». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 239. Cada acesso à nossa mente deve estar guardado, momento após momento.

Para aqueles que já foram laçados pelas armadilhas do mal, há uma maravilhosa promessa. «Assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará; porque Eu contenderei com os que contenderem contigo, e os teus filhos Eu remirei». — Isaías 49:25.

Aos jovens sinceros de hoje dirige-se um apelo bem definido: «Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso». 2 Coríntios 6:17.



(Leitura para Terça-feira, 10 de Março de 1959)

Vida Real ou Fictícia?

NÃO há dúvida nenhuma de que o mundo em que vivemos se está tornando de dia para dia cada vez mais materialista. O homem acha-se competente aos seus próprios olhos. Ele inventou uma máquina quase para cada coisa. O cérebro electrónico ultrapassou mil vezes certas capacidades da mente humana. Os elementos são dominados pela sua vontade; a velha estrutura do universo está revelando os seus tesouros, e a ciência nuclear abre a porta a vastas e ilimitadas possibilidades.

Nas universidades ensina-se a juventude a crer que a ciência tem em seu poder a chave da prosperidade e do bem-estar. Joseph Le Conte escreve: «Os nomes destes nossos deuses são gravitação, luz, magnetismo eléctrico, afinidade química, etc., e estamos praticamente dizendo: 'Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egipto' das trevas e da ignorância. São estes os deuses a quem tendes de respeitar e servir e estudar os seus caminhos.» — *Evolution and Its Relationship to Religious Thought*.

Além de todas as conveniências da ciência, cresce rapidamente o conceito do socorro social, que empreende prover a todas as contingências da vida. Médico de graça, pensões de saúde, e planos de reabilitação são sem dúvida bênçãos da nossa moderna civilização, mas também contribuem para criar uma atmosfera de segurança própria que tende a dispensar a oração: «O pão nosso de cada dia nos dá hoje.» Esta tendência materialista leva muitos hoje a uma simples expulsão de Deus do universo.

«Há alguns anos as estatísticas diziam que cem anos atrás a média das pessoas tinha cerca de 72 desejos, dos quais 16 eram necessidades; enquanto que a média hoje tem 484 desejos, sendo 94 considerados como o mínimo indispen-

sável. Além disso há cem anos havia umas 200 variedades de artigos no mercado, enquanto que hoje contam-se mais de 32.000.» — *Signs of the Times*.

Sem dúvida que Mamom é um deus imponente e oferece mais aos seus devotos hoje do que em nenhuma outra época. Mas Jesus disse: «A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.» Lucas 12:15. «Não podeis servir a Deus e a Mamom.» Lucas 16:13. Eis o resultado dum inquérito feito por J. Edgar Hoover, director geral da policia americana:

«De 8.000 jovens delinquentes recentemente interrogados, só 42 frequentavam regularmente uma igreja, mas nenhum dos seus pais o fazia.» Diz ainda: «Um jovem precisa da inspiração duma sincera convicção religiosa para poder proteger-se contra a avassaladora ideologia do materialismo.» — *Australian Signs of the Times*, 2 de Julho de 1956.

Que convicção religiosa básica poderá ser o antídoto para o materialismo? Não será que o Senhor reclama a nossa vida como indivíduos, pois «fostes comprados por bom preço» (1 Coríntios 6:20), e que Ele próprio toma a iniciativa de nos guiar de maneira a poder-mos atingir o mais elevado ideal?

Disse Paulo: «Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com acção de graças.» «O meu Deus, segundo as Suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus.» Filipenses 4:6, 19. E Cristo disse: «Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comemos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? (Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o reino

de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.» Mateus 6:31-33.

Uma família cristã tinha o hábito de começar o culto matinal, antes do pequeno almoço, tirando uma das crianças um bilheteinho à sorte com um texto para meditação. Nesse dia foi a vez da filhinha de cinco anos ter o privilégio de escolher o versículo, desdobrar o papel e lê-lo. Não podia haver texto mais apropriado para o seu apetite: «Abre bem a tua boca, e ta encherai.» Sal. 81:10.

Na manhã seguinte, quando de novo se encontravam à mesa, o irmão mais velho escolheu um texto do Deuteronomio, que era ao mesmo tempo difícil de ler e de explicar às crianças. Talvez para salvar a situação, a irmãzinha de cinco anos anunciou:

— Papá, lembro-me do versículo de ontem de manhã!

— Muito bem, minha filha. Ainda és capaz de o dizer?

— Sim, papá. Era assim: «Abre bem a boca e enche-a!»

Um riso geral acolheu esta versão pouco ortodoxa. Mas a idade da criança justificava a sua omissão. Ela não tinha compreendido que Deus estava compreendido nesta promessa e, como fazem muitas pessoas hoje, tinha-O eliminado do seu pensamento. Deus diz: «Abre a tua boca, o teu coração, a tua vida à minha direcção, e Eu a encherai.» Mas os homens resentem-se da chamada interferência de Deus na sua vida. Preferem encher eles próprios a boca, com aquilo que lhes agrada e à sua maneira. No mesmo capítulo de Salmos Deus queixa-Se: «Mas o Meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis. Pelo que eu os entreguei aos desejos dos seus corações, e andaram segundo os seus próprios conselhos.» Versículos 11 e 12.

Eis a decisão que a juventude precisa hoje de tomar. Entregarei

eu a minha vida a Deus e pela fé deixarei que Ele a dirija, ou farei eu próprio os meus planos e orientarei a vida a meu modo? Para vos ajudar a fazer essa escolha de maneira a resultar no bem da vossa alma, vamos pensar bem em tudo quanto isso envolve.

Primeiramente, o que leva tantos a voltar as costas a Deus? Principalmente duas coisas. A primeira é o receio de que seguindo a Deus perderão todas as oportunidades de levar uma vida alegre. Em segundo lugar, os atractivos das riquezas e dos prazeres do mundo.

Porque Razão se Há-de Ter Medo de Deus?

Já ouviram, por acaso, alguma vez, um cristão idoso dar o seu testemunho nestes termos: «Oh! Antes queria nunca ter sido cristão! Tenho perdido tanta coisa na minha vida, que agora olho para o passado e vejo que cometi um grande erro quando me baptizei e me tornei cristão!»? Não é muito provável. A razão é que os planos de Deus para a nossa vida são sempre mais elevados do que o que podemos imaginar.

Ouçamos o alegre testemunho do Salmista: «O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice... coube-me uma formosa herança... Portanto está alegre o meu coração e se regozija a minha glória; também a minha carne repousará segura.» Salmo 16: 5-9. Ele acha que a sua verdadeira riqueza é o cuidado e o amor de Deus. «Porque Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais.» Jer. 29:11. O Senhor também nos diz pela boca de Isaías: «Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. Porque,

assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não torna, mas rega a terra, e a faz produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a palavra que sair da Minha boca... prosperará naquilo para que a enviei.» (Isa. 55:8-11.) Notemos que quando a Palavra de Deus é recebida num coração sincero e obsorvida como a chuva pela terra sedenta, *ela prospera* naquilo para que é enviada.

A senhora White faz alusão a esta maravilhosa verdade no livro *Patriarcas e Profetas*, pág. 710. «Os pensamentos e caminhos de Deus em relação às Suas criaturas estão acima das nossas mentes finitas; mas podemos estar certos de que Seus filhos serão levados a preencher precisamente o lugar para que estão habilitados, e estarão aptos para cumprir o próprio trabalho confiado às suas mãos, se tão somente sujeitarem sua vontade a Deus.»

Deixai que Deus intervenha na vossa vida segundo o Seu desejo. Orientai-vos pela Sua Palavra e tereis sempre o sentimento de estar no vosso lugar.

As Verdadeiras Riquezas

Quando Deus declara: «Abre bem a tua boca, e ta enchei», quer dizer exactamente o que essas palavras significam. Desejais que a vossa vida vos satisfaça? Escutai o que diz David: «Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de Seus benefícios. É Ele que perdoa todas as tuas iniquidades, e sara todas as tuas enfermidades; quem redime a tua vida da perdição, e te coroa de benignidade e de misericórdia; quem enche a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a águia.» Salmo 103: 2-5.

Quereis ser alegres? «E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus.» Salmo 40:3.

Quereis que a alegria das bênçãos de Deus se escape dos vossos lábios em riso? «Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cânticos.» Salmo 126:2.

Estes são os preciosos pensa-

mentos de Deus a vosso e a meu respeito. Eles estão envolvidos em «grandíssimas e preciosas promessas» (2 Ped. 1:4), e se tiverdes fé suficiente para crer nelas, tereis adquirido uma fé preciosa. O sábio Salomão descobriu que tal procedimento é sabedoria «mais preciosa do que os rubis» (Prov. 3:13-15), e é o que Paulo queria dizer ao falar das riquezas de Deus «em glória, por Cristo Jesus.» Filipenses 4:19. Finalmente Jesus declara: «Eu sou o pão da vida; aquele que vem a Mim não terá fome.» João 6:35.

O Pão da Mentira

Há um outro pão sobre o qual a juventude de hoje se lança avidamente. Não há dúvidas quanto aos atractivos da sua aparência. Apresenta-se nas melhores embalagens e o seu gosto é excelente. Mas é o pão da mentira.

Num dia de Natal, as lojas encontravam-se repletas de prendas atraentes e enfeitadas com alegres coloridos que agradavam à vista e tentavam a algibeira. Um produto muito anunciado era um bolo de Natal vendido numa linda lata com motivos decorativos. A lata por sua vez estava embrulhada num lustroso papel transparente, fechado com um bonito cartão de «Boas Festas». Não pudémos resistir à bela aparência daquela embalagem, crendo que ela devia encerrar um bolo maravilhoso.

Quando enfim chegou o momento de abrir o bolo, todos estavam ansiosos por o ver. Tirou-se o papel, abriu-se a lata e o bolo foi partido e distribuído por todos. Parecia muito bom; o creme que o cobria tinha um rico paladar; tinha fruta no interior. Todos começaram logo a mastigar. Mas... num momento começámos a olhar uns para os outros, mostrando-nos desapontados e desgostosos. Areia! Areia na fruta, nos dentes, áspera e quebradiça, fazendo-nos arripiar o corpo todo! Talvez Salomão tivesse tido a mesma experiência quando escreveu: «Suave é ao homem o pão da mentira, mas depois

a sua boca se encherá de pedrinhas de areia.» Provérbios 20:17.

Não há dúvida de que Mamom tem habilidade para embrulhar a sua mercadoria nas embalagens mais atraentes. A vida do mundo atrai todos os sentidos, e inquestionavelmente deleita o paladar ao princípio, mas «depois» é que vem a realidade. «Depois» são vidas malbaratadas e despendidas egoisticamente, «depois» é o desapontamento e a tristeza; muitas vezes os tribunais do crime, muitas vezes a doença e a morte. Corações dilacerados e lares divididos, nervos esgotados e mentes torturadas pelo sentimento de culpa, são frequentemente os frutos duma vida de materialismo e independência. Na maior parte dos casos «depois» do jogo vem o desperdício dos meios e as dívidas. O aspecto sociável do tabaco e do alcool traz «depois» a doença e a degradação, ao ponto

de estas práticas inspiradas por Mamom se tornarem assunto de preocupação para os governos. Milhares sem conto têm provado o pão do remorso e desgastado os dentes com a areia do diabo porque o caminho largo lhes cegou os olhos para os valores espirituais.

O Pão Verdadeiro

É a doçura inicial que no pão da mentira atrai o homem. Ele deseja que a vida seja doce. Tem medo duma cruz, principalmente da cruz dos cristãos, mas escolhe por fim uma mais pesada. A vida cristã é doce, e também às vezes amarga, evidentemente; mas, como disse certa vez Billy Bray: «Tenho tido vinagre às colheres, mas mel às conchas».

Quando éreis crianças ainda e

que a vossa mãe fazia bolos, andáveis à sua roda pedindo para provar as passas, a fruta cristalizada ou as amêndoas descascadas; mas nunca pedíeis uma colher de farinha, ou de sal, ou de ovo crú! Mas que espécie de bolo teríeis vós se para ele só se utilizasse o açúcar, as passas, a fruta cristalizada e as amêndoas? Seria uma pasta informe, pegajosa e enjoativa! Assim «a prova da vossa fé» é um ingrediente precioso na confecção das verdadeiras riquezas da vida (1 Ped. 1:7). Só Deus sabe dosear os ingredientes da nossa vida de maneira «que todas as coisas contribuem juntamente para o bem.» Romanos 8:28.

Tudo o que Deus vos pede é: «Abre bem a tua boca». Ponde-vos à Sua inteira disposição. Ele acrescenta: «Eu ta encherei.» Fareis hoje a entrega de vós mesmos?



(Leitura para Quarta-feira, 11 de Março de 1959)

«Não Estás Longe do Reino de Deus»

A PEQUENINA Maria João estava decidida a desfrutar o programa de projecções que o pastor tinha anunciado para o domingo à noite. Por isso no dia indicado, ainda antes da hora, lá estava ella. As crianças foram dispostas nas primeiras filas de bancos e começou a reunião. A meio das projecções, alguém passou um bilhete ao pastor. Seguiu-se um anúncio: «Os pais da menina Maria João procuram a sua filha que se perdeu. Se acaso ella se encontra aqui na igreja, queira chegar imediatamente à porta, onde os seus paizinhos a esperam».

Não havendo qualquer resposta, o pastor continuou a sua conferência. Quando esta terminou e se acenderam de novo as luzes, lá

estava a menina Maria João sentada no primeiro banco, toda radiante. Vendo-a o pastor, dirige-se-lhe.

— Tu chamas-te Maria João, não é? Não ouviste o anúncio? Os teus pais andam à tua procura. Porque é que não respondeste?

A resposta foi immediata: — Mas eu não estava perdida, eu sabia muito bem onde é que estava. Estava aqui mesmo, na igreja!

Sob a graça da resposta infantil, esta história ilustra uma triste lição — uma solene verdade — para a juventude que frequenta hoje a igreja. Muitos jovens das nossas igrejas em todo o mundo estão espiritualmente perdidos sem o saberem. Isto não é apenas uma

observação casual ou uma opinião pessoal. É uma revelação dada à mensageira do Senhor:

«Vi que, se não houver inteira mudança na juventude, inteira conversão, podem elles perder a esperança do Céu. Do que me tem sido mostrado, não mais da metade dos jovens que professam a religião e a verdade, são verdadeiramente convertidos... Falta a verdadeira piedade.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. I, pág. 51.

No dia do juízo, quão amarga será a experiência daqueles que, tendo sido iluminados pela luz da verdade e havendo convivido com os santos de Deus, não souberam tomar Jesus como seu Salvador pessoal!

A Verdadeira Conversão

Uma verdadeira conversão é a condição absolutamente essencial para a salvação. Jesus disse a Nicodemos: «Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.» João 3:3. Quantas vezes desejamos, e esperançosamente olhamos para o dia em que o Espírito Santo cairá sobre nós e realizará a mudança de que sabemos ter necessidade. Mas acaso se operará em nós o milagre da graça sem que antes tenhamos aprendido o segredo duma entrega completa? Lembremo-nos de que «quando... a alma não faz esta oblação de si mesma o pecado não é renunciado; os apetites e paixões entram a disputar a primazia; tentações várias confundem a consciência, e não tem lugar a conversão legítima.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. II, pág. 390.

Se já participastes num acampamento da juventude perto duma praia ou dum rio, sabeis perfeitamente que a hora do banho é uma das partes do programa mais bem apreciadas. Tereis notado que na água se vê três tipos de pessoas: aqueles que se limitam a chapinhar à beira da água, aqueles que avançam só enquanto encontram pé, e os que nadam. Não é difícil de ver quais são os que desfrutam melhor o prazer da água. Não são os primeiros, pois que o seu prazer é muito restricto; apenas se refrescam um pouco. Estão satisfeitos por se associarem ao elemento líquido e por haver talvez alguém que os tome por nadadores.

Temos depois os que se aventuram um pouco mais, indo tão longe quanto podem, mostrando alguma intrepidez, enquanto sentem os pés em terreno firme. Mas se a água os eleva um pouco mais, já se vêem em sérios embarços.

Não, aqueles que apreciam realmente a água são os nadadores, porque eles descobriram um segredo que lhes proporciona uma experiência inteiramente nova de confiança e alegria. Aprenderam o segredo duma entrega completa — uma entrega ao elemento a que não estavam habituados. Descobriram que para nadar é preciso combinar

a aplicação das regras da natação com um abandono completo à força elevadora da água. Que nadador há que se não tenha deleitado com a sensação de leveza que resulta duma completa entrega à força líquida, e com a satisfação de ver a sua prova de fé transformada numa agradável experiência. Ele acha-se verdadeiramente convertido a esta nova modalidade de vida.

A Religião Popular

Tal como a natação, o Cristianismo tornou-se cada vez mais popular e cada vez há mais pessoas mostrando-se favoráveis a Cristo e à Igreja. As missões cristãs expandem-se rapidamente ao redor do mundo e as actividades empreendidas por agrupamentos cristãos tendo em vista o bem social estão florescendo por toda a parte.

Especialmente na América, a religião está plena de energia e vitalidade, com mais de cinquenta por cento das pessoas frequentando as igrejas. Sessenta por cento dos Americanos dizem que a influência da religião está aumentando e oitenta por cento consideram a religião como sendo capaz de resolver a maior parte dos problemas de hoje. No entanto, os principais dirigentes cristãos não acreditam no reavivamento religioso que se levanta agora nos Estados Unidos. Olham-no como um reavivamento de interesse e não um reavivamento de profunda convicção espiritual.

A revista *Time* comenta deste modo o novo tipo de religião que se está tornando tão popular: «Compõe-se de dúzias de atarefadas organizações numa efervescência diária de bailes, espectáculos, piqueniques, realizando enfadonhas sessões, ajudando a visitar os doentes e organizando brigadas de beneficência. Há grupos de caça e de pesca, um grupo de discussão dos homens... uma associação das mulheres, um clube dos rapazes, festas familiares, acampamentos para todas as idades, um programa de rádio, um extenso jornal da igreja, dez coros, etc.» — Número de 27 de Janeiro de 1958, pág. 26.

A religião popular hoje, pode dizer-se que encoraja a patinhar espiritualmente com as suas alegres associações, e a andar dentro de água, com os seus salpicos de actividade, mas o grande ponto de interrogação que se apresenta é: Quantos estão na realidade aprendendo a nadar confiantemente?

A juventude adventista, rodeada por esta atmosfera de pseudo-religioso reavivamento, deve perguntar a si própria: É esta a minha espécie de religião? Até que ponto desejo eu avançar pelas águas mais profundas do serviço e da consagração pessoal?

Consagração Parcial ou Total

Na Índia, um oficial bramane assistia uma vez a uma reunião evangélica. No fim do sermão o pastor convidou os assistentes a dar testemunho da obra da graça do Espírito Santo na vida de cada um. Vários responderam ao apelo, contando como haviam podido abandonar os seus ídolos, vencer os vícios e descobrir uma nova alegria de viver, sendo salvos por Jesus.

O oficial bramane, sentindo que cada testemunho era um desafio à sua religião, levantou-se e disse: «Eu também fui salvo, mas não por Jesus Cristo. Fui salvo pela religião dos meus pais». Satisfeito por ter feito esta confissão da sua fé, sentou-se novamente. O evangelista, por sua vez, respondeu-lhe, num tom amável: «Uma vez que está salvo, desejaria convidá-lo a unir-se a um pequeno grupo de cristãos, salvos também, que vão sair a visitar o bairro dos párias da nossa aldeia. Vamos levar-lhes alimento e roupa e ser amáveis com eles. Vamos entrar nas suas choças, sentar-nos ao pé deles e dizer-lhes como podem também vir a ser salvos».

Todos os olhares se convergiam para o bramane. Para ele, até mesmo ser atingido pela sombra dum pária exigia uma purificação antes de voltar para casa. Quanto a ir a casa deles, isso era inimaginável. Levantou-se de novo para falar: «Eu estou salvo, continuo a di-

zer que estou salvo, mas a minha salvação não chega até esse ponto».

Até que ponto nos leva a nossa experiência cristã? Até que ponto nos desejamos entregar hoje ao Senhor?

O Assentimento Não É o Dom de Si Mesmo

Lemos em S. Marcos de um escriba que interrogou Jesus. No fim da conversação sobre os mandamentos, Jesus disse-lhe: «Não estás longe do reino de Deus». Marcos 12:28-34. A tragédia é que este homem estava de acordo com Jesus na teoria e na interpretação, mas não lemos que ele O tenha aceitado como seu Salvador.

Muitos dos nossos jovens têm crescido e aceitado a religião dos seus pais. Herdamos a Mensagem do Advento e tudo quanto com ela se relaciona. Por isso somos bem-aventurados. No entanto, não substituíamos pelo simples assentimento a nossa salvação pessoal pela fé individual em Cristo. Todos começamos por uma fé em segunda mão, quando a recebemos de outros, mas deve chegar o momento em que esta se transforme numa experiência pessoal. Só então se torna ela uma fé viva, dirigindo e inspirando a nossa vida.

O Contacto Espiritual Não É o Dom de Si Mesmo

Vejam agora o que nos diz este curioso texto da Escritura: «Pergunta agora aos sacerdotes, acerca da lei, dizendo: Se alguém leva carne santa na aba do seu vestido, e com a sua aba tocar no pão, ou no guisado, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outro mantimento, ficará este santificado? E os sacerdotes, respondendo, diziam: Não. E disse Ageu: Se alguém, que se tinha tornado impuro pelo contacto com um corpo morto, tocar nalguma destas coisas, ficará isso imundo? E os sacerdotes, respondendo, diziam: Ficarão imunda». Ageu, 2:11-13.

Vereis que há nestes exemplos uma operação idêntica, mas um resultado contrário. Segundo a lei dos Judeus, bastava a alguém entrar na tenda onde estivesse um morto, para se considerar contaminado. (Números 19:11, 14, 22). Isto tinha por finalidade ensinar que a simples associação com o pecado e com os pecadores chega para contaminar, pois o pecado é altamente contagioso. Por outro lado, para adquirir santificação, não era suficiente um contacto indirecto através dum intermediário. Era necessário o contacto directo com a carne santa, sendo esta o sacrifício que representava Jesus.

Sim, nós precisamos mais do que andar ombro a ombro com os cristãos e fazer parte duma comunidade cristã. Jesus espera que vamos pessoalmente a Ele, com uma fé simples, mas real.

A Actividade Não É o Dom de Si Mesmo

Podemos apontar exemplos frisantes na história do Velho Testamento, de reis notáveis cuja actividade para o Senhor recebeu a Sua aprovação, porém que, duma maneira ou doutra, não aprenderam a regra mais importante da vida, a do completo dom de si mesmo.

Amazias «fez o que era recto aos olhos do Senhor, porém não com o coração inteiro». 2 Crón. 25:2. Ele «fez como na lei está escrito» (vers. 4), aceitou o conselho do profeta de Deus (vers. 10), fez campanhas contra os inimigos do Senhor (vers. 11), mas no meio de todas as suas actividades contra o mal, ele permitiu ao seu coração adorar os deuses dos seus inimigos, aos quais se opunha tão ostensivamente. As indulgências carnis e a ostentação do culto aos deuses de Seir cativou-lhe o coração.

Recordamos a confissão de Lutero no meio da sua valorosa campanha contra os abusos do seu tempo: «Tenho mais receio do meu próprio coração que do Papa com todos os seus cardeais».

O Que É a Verdadeira Entrega a Deus?

Há apenas um meio de evitar a vergonha de falhas semelhantes na vida cristã. É a entrega completa a Jesus. Isto significa, primeiro, decidir honrar a Cristo na nossa vida e entregar-lhe o coração. Alistar-nos na Legião de Honra dos MV. Então precisaremos lembrar-nos da importância da nossa vontade, pois «tudo depende do... emprego judicioso da vontade». — *Aos Pés de Cristo*, pág. 39.

Não podereis dominar os vossos impulsos e as vossas emoções, mas podeis dominar a vontade, e podeis realizar uma mudança completa na vossa vida. Entregando a vossa vontade a Jesus, a vossa vida estará escondida com Cristo em Deus e aliada ao poder que é acima de todos os principados e potestades. Mas a vossa vontade tem de cooperar com a vontade de Deus, não com a vontade de cúmplices através dos quais Satanás está constantemente trabalhando para vos enganar e destruir.

Samoa é uma terra de rara beleza tropical, cuja costa arenosa repleta de coqueiros e luxuriante verdura se reflete de maneira admirável na água azul de turquesa. Apia, a capital, dorme sossegadamente numa pequena baía, cheia de perigosos recifes de coral. A transparência da água deixa ver o fundo de areia e os tons brilhantes dos corais. Para além estende-se um braço de mar, cujo fundo ostenta um brilho cintilante á luz do sol. Mas é preciso avançar mais para longe, nas águas profundas, para contemplar a encantadora beleza das profundidades, onde peixes multicolores se deslocam numa floresta de corais de que cada tufa se assemelha a um arbusto em flor. Um verdadeiro paraíso para o pintor e o naturalista. Nadar livremente, liberto da força da gravidade, num ambiente maravilhoso, eis a recompensa de quem se aventura a deixar a costa.

Jovens amigos, até que ponto estais vós desejando entregar o coração a Jesus? Até onde estais hoje dispostos a avançar?

(Leitura para Quinta-feira, 12 de Março de 1959)

Como Resolver o Nosso Maior Problema?

Os nossos estudos precedentes mostraram-nos o ambiente deplorável no qual se move a juventude, essa atmosfera feita de medo, de materialismo, de cepticismo, de procura do prazer e de uma religiosidade fácil. Perante tais perigos a religião autêntica constitui o antídoto soberano capaz de tornar firmes os jovens e de lhes manter o entusiasmo.

Mas não será em vós mesmos, prezados jovens, que reside o verdadeiro problema?

Como jovens cristãos, voltamos decididamente as costas ao mundo para descobrir com dolorosa surpresa que as circunstâncias exteriores não bastam para explicar os conflitos misteriosos que nos torturam. A contradição, o desequilíbrio encontram-se na nossa mesma natureza.

Dois Num

Consideremos uma roseira num jardim. Ficamos enlevados perante a graça e o colorido das suas flores. Cada pétala tingem-se das mais delicadas nuances fazendo-nos lembrar os tons da aurora em fogo. E que dizer do perfume tão subtil que esvoaça no ar!... É claro que não ignoramos que um tão grande esplendor teve a sua primitiva origem na roseira brava, a roseira vulgar, que se foi modificando, graças aos enxertos habilidosos que o homem lhe fez.

Suponhamos que o jardineiro deixava de cuidar devidamente da roseira, abandonando-a a si mesma; dentro em pouco, os ramos selvagens substituiriam os rami-nhos de boa qualidade, de modo que o arbusto voltaria ao estado primitivo. Tal é exactamente a nossa situação.

Afonso Daudet descreveu muito bem este fenómeno:

«Foi por ocasião da morte do meu irmão Henrique que, pela primeira vez, tomei conhecimento

dessa dualidade interior. O meu pai abandonava-se a um desgosto enorme. «Morreu». «Morreu». — repetia ele inconsolavelmente.

Enquanto o meu primeiro eu chorava comigo, o meu segundo eu pensava assim: «Como estas lágrimas são verdadeiras, e como seria uma bela cena no teatro!». Tinha eu então 14 anos. Ora esta estranha dualidade preocupou-me bastante, daí por diante.

Este terrível duplo... penso, faço, sofro, vivo, e tenho-o sempre presente; e nunca fui capaz de lhe fazer partilhar das minhas lágrimas, nem de o obrigar a dormir. Desce ao fundo das coisas e volta a fazer troça».

Prezados jovens! Decerto reconheceste nestas linhas de Daudet o vosso próprio problema.

«Quantas vezes — não tereis vós dito — que eu constatei em mim a presença de qualquer coisa que me enchia de vergonha, que rebaixava o meu ideal cristão e que me impedia de manter as minhas resoluções».

Lembremo-nos — e isto nos encorajará — que o apóstolo Paulo experimentou as mesmas dificuldades. «Porque não faço o bem que quero, mas o mal que eu não quero, esse faço». (Romanos 7:19).

O apóstolo põe em oposição «o homem interior» que «tem prazer na lei de Deus» (Romanos 7:22) e o «corpo desta morte» de que se deseja libertar.

Todos aqueles que sentem aspirações espirituais, experimentam, igualmente este conflito da carne e do espírito, a luta pela vida da roseira brava e dos ramos enxertados. Para os não-convertidos, o conflito não atinge a mesma intensidade (Veja-se Romanos 7:9; 3:10-18). Mas quando se empreende em nós a obra de regeneração, quando se nos comunica uma nova vida em Jesus, então a carne do pecado que habita em nós (Ro-

manos 7:20) desperta e procura reivindicar os seus direitos.

«Satanás concede uma certa demora àqueles que, ligados ao seu carro, aceitam sem recriminar esta escravatura. Mas o seu ódio rebenta quando a mensagem de misericórdia atinge aqueles que ele mantém sob o seu jugo, quando a mesma mensagem os vem arrancar ao seu poder para os conduzir para o divino Pastor.

Satanás forja, então, novas cadeias para tentar mantê-los cativos. O conflito entre a alma e Satanás começa, quando aquele que está preso às cadeias satânicas sofre pela sua escravatura e aspira à liberdade». (*Fundamentals of Christian Education*, pág. 29).

O grito de desespero de Paulo sentindo-se escravo do pecado que reina nele: «Quem me livrará do corpo desta morte» (Romanos 7:24), é verdadeiramente patético! Mas uma exclamação de triunfo segue-se imediatamente: «Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor».

A rosa não é um exemplo vão. Para cada um de nós a vitória é possível. Examinemos as três etapas que conduzem à vitória.

Uma Relação Vital

Esforcemo-nos, primeiramente, por compreender a nova relação que nos liga a Jesus. Paulo declara: «Considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor». (Romanos 6:11).

Assim como o roseira vai beneficiar de uma nova beleza mediante a enxertia, assim também a nossa união com Jesus modificará inteiramente a nossa existência. (Veja-se Romanos 6:5); esta presença em nós levar-nos-á a refrear as tendências da nossa antiga natureza. Todas as nossas faculdades, físicas e mentais, devem dobrar-se a uma nova influência. Uma vez

consentido este dom total de nós mesmos, poderemos dizer com o apóstolo: «Já estou crucificado com Cristo e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim». (Gálatas 2:20).

O apóstolo S. Paulo sublinha a intimidade desta relação mediante a imagem do casamento. (Romanos 7:1-6). A esposa usa o nome do marido. Também partilha da mesma habitação. Tudo o que os esposos possuíam, primeiramente, em separado, é agora posto em comum. Os seus dois destinos estão agora ligados.

Assim também da mesma maneira, «o homem interior» que ama a lei de Deus e que se submete a ela não faz senão um com o «homem carnal» que o arrasta para a morte. Felizmente, é possível dissolver este mau casamento e de contrair uma nova união, mais feliz, com o Salvador. Mas para que todo o vínculo legal seja dissolvido, é necessário que o homem velho morra. A água do baptismo torna-se, simbolicamente, o seu túmulo (Veja Gálatas 3:27). Assim também pela fé, o baptismo une-nos a Jesus para começar com

Ele uma vida nova. Jesus ofereceu-nos, então, uma nova vida.

Retomemos o exemplo da roseira brava. Depois do enxerto, o novo arbusto não é uma coisa bravia à qual se teria adicionado qualquer coisa, mas é uma verdadeira roseira que perdeu as características de uma planta selvagem de que teve origem. Da mesma maneira também nós fomos transformados pelo contacto com Jesus. Não é que possamos tender por nós mesmos para a perfeição, pois que a natureza original continua a exercer a sua influência. Mas graças à nossa união com o Salvador, temos parte na Sua justiça e assim nos vale a salvação!

«Quando um coração se mostra disposto à obediência, quando os esforços vêm a confirmar esta atitude, Jesus aceita este serviço e enche as nossas lacunas com os Seus próprios merecimentos». (Signs of Times, 16 de Junho de 1890).

Uma União mais Íntima

O jardineiro impede a roseira de se abastardar, vigiando-lhe o crescimento e cortando impiedosamente todos os rebentos que lembrem a planta original.

Da mesma maneira, quando nós estamos identificados com Jesus pela aliança sagrada do baptismo, o dever impõe-nos que acabemos esta união (Veja-se Romanos 13:14).

A nossa vontade deve então intervir contra todo e qualquer hábito que possa desagradar ao Senhor; abster-nos-emos de tudo quanto o Salvador não possa aprovar; fecharemos os nossos sentidos às influências perniciosas que «fazem guerra à alma».

Pelo contrário, o nosso coração aplicar-se-á a todas as actividades susceptíveis de nos procurarem graças espirituais: leitura e meditação da Sagrada Escritura, oração, serviço missionário e cristão, etc. (Veja-se Gálatas 5:16).

Fortificados pelo exercício de um tal programa, ficaremos mais aptos para vencer as tentações. Pode dar-se o caso de darmos qualquer queda; isso, porém, não fará com que quebreemos a nossa união com Jesus, porque Jesus nunca nos fecha o Seu coração. Jesus não nos rejeita e está sempre pronto a aceitar-nos, esperando pelo nosso arrependimento para nos ter, sempre junto de Si. (I João 1:6-9).

(Leitura para Sexta-feira, 13 de Março de 1959)

A CAPA DE ELIAS

O ESFORÇO feito por Elias, durante toda a sua vida, para reconduzir Israel à religião dos seus antepassados, a sua atitude heróica perante a apostasia do Carmelo, são para nós, Adventistas, um poderoso exemplo. A tarefa que incumbe à última Igreja constitui — estamos convencidos disso — o paralelo exacto da que foi confiada ao profeta daqueles tempos. (Malaquias 4:5, 6).

«O tempo presente — escreve a Irmã White — dedica-se a uma idolatria desenfreada, comparável

à que reinava no tempo de Elias. É certo que nenhum altar a revela aos olhares, nem se oferece nenhuma imagem à adoração das multidões. Mas a massa do povo adora os deuses deste século — o dinheiro, a celebridade, o prazer e todos esses vãos sofismas que peremitem ao homem carnal seguir as inclinações do seu coração... A sabedoria humana arrega-se o lugar que pertence a Deus e à sua lei... Verifica-se, por toda a parte um espírito de oposição à Palavra Di-

vina, exaltando-se a inteligência humana em detrimento da revelação». (Profetas e Reis, págs. 117, 178).

O Nosso Mandato Divino

O ano de 1844 fica nos anais adventistas como uma data notável. Constitui, efectivamente o cumprimento da profecia dos 2.300 dias de Daniel, e fixa o ponto de partida do inquérito relativo à «Casa de Deus», que presentemente

se está efectuando no céu. Esta data coincide, igualmente, com o nascimento do Movimento Adventista que, hoje centenário, adquiriu o poder espiritual necessário para retomar à sua conta a mensagem de Elias. Mas outros acontecimentos contemporâneos desta data histórica são igualmente importantes para a compreensão da época em que vivemos.

Em 1825, um jovem inglês dirigiu-se para Edimburgo para aí estudar medicina. Como não se sentiu plenamente satisfeito, renunciou a ela e foi estudar teologia para Cambridge. Recebeu o diploma em 1831, mas perante certas dúvidas derrotistas que penetraram no seu espírito, desistiu de entrar no ministério. Foi assim que passado pouco tempo, tomou parte numa expedição científica que projectava dar a volta ao mundo, aproveitando este ensejo para meditar em todas as teorias então em voga, relativas à geologia, a etnologia, as relações entre as espécies, etc. Em 1844, este jovem, chamado Darwin proclamou a sua inteira adesão às doutrinas do transformismo. Empregou os quinze anos seguintes a escrever a obra monumental conhecida pelo título de «A Origem das Espécies» que vulgarizou a teoria da evolução, e semeou a dúvida em muitíssimos espíritos sobre o valor científico da revelação escriturística.

Não poderemos ver uma coincidência notável no facto de o Movimento Adventista ter nascido, precisamente, na época, em que a fé na autoridade da Sagrada Escritura estava sendo posta em perigo?

A Igreja nascente, caracterizada pela conformidade das suas doutrinas com a Palavra de Deus — regresso ao Sábado como único dia de repouso (Apocalipse 14:12); presença no seu seio do Espírito de Profecia (Apocalipse 12:17); proclamação da iminência dum juízo final (Apocalipse 14:6, 7) — vinha, precisamente, no momento oportuno a prègar a necessidade de uma fé absoluta na autoridade divina.

Uma Doutrina Justificada pelos Acontecimentos

O Movimento Adventista do Sétimo Dia tem agora mais de cem anos. Os seus pioneiros já adoraram e novas gerações tomaram o encargo de continuar a Obra. Mas é consolador dizer que a doutrina adventista não envelheceu, o que constitui, evidentemente para os jovens um grande motivo de encorajamento. Longe de se ver ultrapassada pelos acontecimentos, a doutrina adventista tem sempre encontrado neles uma brilhante confirmação dos seus ensinamentos. Além disso, numa época, como a nossa, em que todos os credos estão em crise; numa época em que a fé está minada por teorias modernistas, a doutrina adventista traz consigo o conforto de uma fé estável justificada por um ideal imutável.

A doutrina adventista é a da expectativa, ao mesmo tempo que é também a de uma preparação activa para a volta de Jesus. O crente adventista parece-se com um homem que, colocado no porto, espera a chegada do navio. Começou por distinguir ao longe uma silhueta confusa, depois a imagem aumentou e os contornos tornaram-se precisos; finalmente, pode distinguir os pormenores... Para o indivíduo que possui a fé, os sinais anunciadores da volta de Jesus são uma realidade tangível, quotidiana. Tudo aquilo que tinha sido anunciado, mais ou menos obscuramente pelos escritores sagrados, tudo o que o espírito de profecia contribuiu para explicar, ilumina-se hoje com uma luz brilhante. Em breve tudo será consumado! Lancemo-nos, portanto, ao trabalho, com o mesmo espírito dos pioneiros de 1844 e inspiremo-nos no exemplo de Isaac. Como sabemos, Isaac «cavou os poços de água que cavaram nos dias de Abraão seu pai, e que os filisteus taparam depois da morte de Abraão, e chamou-os pelos nomes, que os chamou seu pai». (Gênesis 26:18).

Se o dia de amanhã é rico de possibilidades inesperadas e muitas vezes desconcertantes, temos, contudo, princípios fundamentais

que não variam; estes princípios existem desde toda a eternidade, mas não têm data, pois a sua actualidade faz baquear todas as épocas. Tais são as noções do bem e do mal, as bases de toda a vida moral e a verdade revelada. Mesmo que lhes demos outros nomes, todos sabemos em que consiste o que o apóstolo João chamava «a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e o orgulho da vida». (I João 2:16). Por que deveremos, então, ficar surdos à advertência de Jesus: «E como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem». (Lucas 17:26).

A Capa da Verdade

Jovens Adventistas! Deus está-vos chamando para serdes seus herdeiros para levantardes, como fez Eliseu, a capa que Elias tinha deixado cair na sua ascensão. Não há várias mensagens. Só há uma, e sempre a mesma, em todos os tempos. Poderemos seguir-lhe o desenvolvimento através de todo o Antigo Testamento, iremos encontrá-la no Novo Testamento, e especialmente naquele livro ainda fechado, o livro do amanhã, que é o Apocalipse. A mensagem, que é sempre a mesma, resume-se em três palavras: verdade, justiça, salvação.

De certo vos lembrais da admirável narração, em que se vê Eliseu acompanhar Elias numa viagem de inspecção aos «seminários» destinados aos jovens Israelitas que desejavam consagrar-se ao ministério. Advertido por Deus de que chegara a sua hora, Elias desejava recordar, ainda mais uma vez àqueles jovens «seminaristas», as graves responsabilidades e os imensos privilégios do serviço para o qual haviam sido chamados.

Esta última viagem de Elias inclui três etapas: Gilgal, Betel e Jericó.

Gilgal

Na tarde daquele memorável dia, Eliseu recordou-se de maneira bastante viva, do chamado que

Elias lhe fizera (Reis 19:19-21). Eliseu preparava-se para trabalhar. Elias tinha-se aproximado e lançou-lhe a sua capa aos ombros. Um simples gesto, mas de um significado tão evidente que Eliseu abandonou imediatamente o trabalho para seguir o profeta.

Estaria ele, em Gilgal, animado das mesmas disposições? Evidentemente! Assim o prova a sua resposta: «Vive o Senhor e vive a tua alma, que te não deixarei!» (2 Reis 2:1).

A decisão de Eliseu de deixar os seus bois correspondia à sua vocação interior: não estava sujeita a nenhuma revisão. O seu consentimento tinha sido um contrato total e definitivo. Nenhum possível obstáculo poderia vir a rompê-lo.

Diz-se que quando S. Francisco de Assis ouviu o chamado de Deus, entrou, sem hesitar num mosteiro. É claro que ele tinha no coração as aspirações naturais como todos os homens: uma esposa, filhos, um lar feliz. Num dia de Inverno, em que a neve se havia amontoado no pátio do claustro, S. Francisco saiu e modelou com a neve fresca umas figuras que representavam uma mulher e crianças. Quando acabou de as fazer, Francisco de Assis abraçou-as, uma por uma, e depois, como que libertado de qualquer coisa e de novo inteiramente disponível para Deus, regressou, tranquilamente, à sua cela de frade.

«Este apelo para nos darmos inteiramente a Deus, é-nos dirigido pelo mesmo Deus a cada um de nós. Não é necessariamente para uma obra análoga à de Eliseu; talvez não nos seja pedido que abandonemos tudo, absolutamente tudo!... Mas o que Deus pede, absolutamente, é que o Seu serviço ocupe o primeiro lugar na nossa vida». (Profetas e Reis, pág. 221).

Betel

De Gilgal os dois homens dirigiram-se para Betel — Betel, o lugar, onde séculos atrás, Deus havia concluído um pacto de aliança com Jacob, segundo o qual Deus protegeria Jacob, o alimentaria e o vestiria, comprometendo-

-se, por seu lado, Jacob a ser um instrumento dócil nas mãos do Senhor e a pagar fielmente o dízimo de tudo quanto ganhasse. (Gênesis 26:20-22).

Mas Deus nunca se satisfaria com uma promessa feita à toa. Jacob teve experiência disso. Depois de anos de prosperidade, durante os quais a Bíblia não faz a menor alusão à fidelidade do patriarca para com o seu voto, eis que lhe chega uma lembrança: «Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; e faz ali um altar ao Deus que te apareceu, quando fugiste diante da face de Esaú, teu irmão». (Gênesis 35:1).

Jacob recordou-se então de tudo; pôs em ordem a sua casa, eliminou os deuses estranhos, que decerto os seus servos adoravam e talvez as suas mulheres, e ordenou uma purificação geral de todos aqueles que compunham a sua casa. Desde então Deus abençoou-o, como consequência destas determinações.

Talvez já no passado se tenha dado o caso de terdes tomado a decisão de servir fielmente a Deus, e que em seguida, a voz do mundo tenha abafado as vossas boas resoluções. Sendo assim, façamos, como Jacob. Ofereçamos, desta vez a Deus exactamente o que Ele pede: uma consagração sincera, total, do nosso coração, de toda a nossa pessoa e dos nossos bens. Então as bênçãos de Deus cairão sobre nós em tão grande abundância que os nossos inimigos ficarão desapontados.

Jericó

Todos os que pretendem tornar-se obreiros de Deus devem pôr o cerco diante de Jericó, tal como fez Josué. Jericó era uma cidade forte, protegida por altas muralhas. Parecia inexpugnável. Por isso o nome de Jericó tornou-se sinónimo não só de uma vitória brilhante, mas também de um prodígio que ainda hoje preocupa os comentadores bíblicos.

Prezados jovens! Diante de vós abre-se um período de tribulações, nesta segunda metade do século vinte!

Mas não vos esqueçais nunca de que o braço de Deus é a grande força da Igreja e que o triunfo está assegurado.

O Jordão

A tenacidade de Eliseu e a sua profunda veneração por Elias fizeram com que acompanhasse o profeta até às margens do Jordão. E ali, de uma maneira inesperada, Eliseu teve a revelação maravilhosamente reconfortante do poder de Elias. Este, tendo enrolado a capa, feriu as águas e estas dividiram-se para as duas bandas; os dois homens atravessaram o rio a seco. (2 Reis 2:8).

A admiração de Eliseu pelo velho profeta e a sua própria consagração deduzem-se também desta pergunta que ele faz, como resposta à oferta de Elias: «Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim». (2 Reis 2:9).

Quando Elias partiu, talvez se pudesse pensar que a força de Israel tinha desaparecido com ele! Mas ficara a capa, aquela capa que tinha recoberto os ombros de Eliseu em sinal de consagração, aquela capa que ia renovar o prodígio da passagem a seco do Jordão. É claro que a capa, em si mesma, não tinha nenhum poder; era apenas o símbolo de uma identidade de fé e de consagração entre dois homens de Deus que tinham escolhido servi-lo.

O poder de Elias entrara em Eliseu, segundo o voto formulado por este último. Mais uma vez estava assegurada a continuidade da obra divina. É precisamente o mesmo que acontece nos nossos dias.

«A grande obra do Evangelho não se concluirá com poder inferior ao que marcou o seu início... Os doentes serão curados, assim como milagres e prodígios acompanharão os crentes». (Conflito dos Séculos).

A capa de Elias, prezados jovens, espera que a ponhais aos vossos ombros.

Quais serão os que de entre vós vão pegar na capa de Elias para atravessarem o rio que ainda nos separa da terra prometida?

(Leitura para Sábado, 14 de Março de 1959)

Lugares Reservados para o Espaço

NÃO há dúvida que é verdadeiramente apaixonante o prepararmos-nos para uma boa viagem!

Se se trata de uma grande distância, ou de uma ausência prolongada, o problema complica-se e provoca uma excitação muito mais viva! E, em certos casos, levanta graves perplexidades!

Suponhamos que tencionais ir residir para um país longínquo e que mal conheceis. É necessário fazer uma escolha criteriosa entre as coisas que se devem levar e as que se devem deixar ou mesmo abandonar. Para se levar o essencial, teremos de sacrificar todos os objectos de importância secundária. E mesmo assim teremos de defrontar bastantes surpresas, quando lá chegarmos!

Mas parece-vos, prezados jovens, que todas estas preocupações serão de molde a fazer-nos perder o entusiasmo pela viagem e pela ida para a nova terra? Não parece que assim seja.

Nunca se viajou tanto, como nesta nossa época; e os homens não contentes por viajarem em todas as direcções do nosso planeta, até já começam a marcar lugares para hipotéticas viagens interplanetárias; já estão inscritas 3.000 pessoas para uma viagem com destino à Lua!...

Quais serão os preparativos para uma tal viagem?

Em primeiro lugar e com certeza, um vestuário apropriado; depois, provavelmente, uma boa soma para a compra do bilhete; e acima de tudo isto, uma boa dose de fé e de coragem.

Os fusos interplanetários chegarão, alguma vez à Lua?

A questão ainda não está hoje resolvida; pelo contrário; é fora de dúvida que Deus abre aos seus filhos a perspectiva de uma maravilhosa aventura celeste. À promessa de Jesus: «Vou preparar-vos um lugar» (João 14:1-3), o apóstolo Paulo acrescenta os seguin-

tes pormenores: «Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido... e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro... Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens». (I Tessalonicenses 4:16, 17).

Uma tão prodigiosa esperança seria bem de molde a seduzir a imaginação dos maiores ambiciosos. Eis o que acrescenta a irmã White: «Todos os tesouros do Universo serão propostos ao estudo dos resgatados de Deus. Libertos dos entraves da mortalidade, dirigir-se-ão num arrojado voo para mundos longínquos que estremeceram de tristeza com o espectáculo das misérias humanas e que entoaram cânticos de alegria com a notícia da salvação de uma alma». (Conflito dos Séculos).

Jovens! Não é, de facto, aliciante o programa previsto para os eleitos?

Vós que sois jovens, aventureiros, não desejais tomar parte nesta maravilhosa viagem? Trata-se de promessas bem concretas. Numa época em que a ciência e a ficção se juntam, em que as antecipações de Júlio Verne se encontram confirmadas pela realidade, já não é permitido duvidar. Ora a verdade é que reservar o seu lugar para uma viagem interplanetária organizada pela agência celeste excede evidentemente muitíssimo os sonhos humanos. Admitindo mesmo que os projectos da astronáutica se tornam uma realidade, o homem não será por isso curado da doença do medo, nem tão pouco da morte. Mas fazer parte do comboio de Deus é ser, simbolicamente, libertado da acção da gravidade e escapar-se a tudo o que comporta considerações aflitivas da atracção terrestre.

Mas para marcar o seu lugar para esta viagem interplanetária celeste são necessárias algumas condições.

É proibido levar consigo certas coisas. Por outro lado são obrigatórias umas outras. Vejamos algumas destas exigências.

O Perdão dos Pecados

Depois de haver apresentado uma lista das «obras da carne», o apóstolo Paulo declara: «Os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus». (Gálatas 5:19-21).

Nada daquelas coisas que o apóstolo menciona existirá no reino de Deus, assim como os portadores de tais germes dali serão também repelidos, impiedosamente.

Depois da queda, o pecado caiu entre o homem e Deus um abismo intransponível. Não há possibilidade de reunião com Deus sem que previamente se tenha encontrado uma solução satisfatória para o problema do pecado. Se continuarmos a pecar, em lugar dos nossos sonhos sobre a esperançosa viagem através dos espaços, cairemos no abismo no qual encontraremos a morte. Que fim tão miserável! Temos, portanto, de encontrar a solução. E a solução existe. Na sua infinita misericórdia, Deus encheu o abismo que nos separa da Sua santidade enviando-nos Jesus «destinado pelo seu sangue a ser para os que creem, vítima propiciatória». (Romanos 3:25). Porque «sem efusão de sangue, não há perdão». (Hebreus 9:22).

O preço que nos liberta do pecado, da sua culpabilidade, do seu poder e do seu castigo, e que nos dá acesso à vida eterna, é o «sangue precioso de Jesus». (I Pedro 1:19). É a única moeda que circula na agência celeste. As «obras da lei» não têm ali aceitação. (Romanos 3:20). Quanto a tentar desculpar o pecado invocando uma explicação filosófica qualquer, é melhor renunciar a isso! Qualquer dessas explicações já está de ante-

mão destinada a um malogro. (Provérbios 28:13).

É certo que é duro termos de confessar as nossas faltas e de renunciar aos nossos erros, mas é o único caminho possível, o único que torna válida a nossa candidatura para o mundo que aguarda-nos.

Um jovem adventista a quem poderemos chamar Estêvão, que ainda há pouco tempo se converteu, estava empregado nos caminhos de ferro, na qualidade de guarda dos depósitos das mercadorias. A sua reputação de honradez estava tão sólidamente estabelecida que lhe tinham dado o nome de «Estêvão o virtuoso». Em certa altura Estêvão deixou o emprego para poder guardar correctamente o Sábado.

Foi assim que o seu pastor ficou bastante surpreendido quando recebeu uma carta do Estêvão na qual lhe fazia uma longa confissão. O nosso Estêvão acusava-se de se haver apropriado de mercadorias que estavam no depósito e de as ter escondido no seu quintal. Mas estava perplexo e hesitava em confessar os roubos ao seu antigo superior. «Se me vou denunciar — escrevia ele — arrisco-me a ir para a cadeia e a desonra cairá na minha família e na igreja, porque toda a gente me considera pessoa honesta. E como poderia eu, em seguida, continuar a servir a Deus?».

O pastor só pôde dar-lhe o seguinte conselho: «Meu amigo! Para estar de bem com Deus, tem de confessar a sua falta e de restituir o que tirou. Tenha confiança! Deus pode dar a esta experiência dolorosa uma saída favorável».

Durante noites consecutivas, Estêvão resolveu a situação em todos os sentidos sem ter coragem de pôr em prática a única solução. Mas o Espírito Santo trabalhava no seu coração e o nosso jovem acabou por seguir o conselho do pastor.

Uma bela manhã, empurrando um carrinho de mão, onde colocou as coisas que tinha tirado do depósito, dirigiu-se para o escritório do seu antigo chefe. Surpreendido e satisfeito por tornar a vê-lo, o

chefe fez-lhe um acolhimento muito caloroso: «Ainda bem que volteste! Eu bem sabia que acabavas por deixar essas ideias religiosas esquisitas! O teu lugar ainda está à tua espera. Tivemos de despedido o que veio substituir-te, porque roubava as encomendas! Precisamos de um homem honesto, como tu!». Imagine-se o embaraço do pobre Estêvão, a vergonha que sentiu por ter de confessar ao seu antigo chefe que também era um ladrão! A princípio o superior não quis acreditar; considerou a confissão de Estêvão como o resultado de uma consciência cheia de escrúpulos. Mas Estêvão insistiu: «Aqui tem a prova. Trago aqui no carrinho tudo o que roubei e estou pronto a dar todas as indemnizações. Peço-lhe que me perdoe. Qualquer que seja o meu castigo não o julgarei excessivo, porque me restituirá a paz com Deus!».

O chefe interrompeu-o dizendo: «Se a tua religião te inspirou um tal procedimento, fica sabendo que és tu mesmo o homem de que temos necessidade para o armazém».

Estêvão voltou para o seu antigo emprego e o chefe deu-lhe o dia de sábado. (Veja-se Salmo 51:19).

Estêvão poderia ter repetido por sua conta este passo do profeta Miqueias:

«Quem ó Deus é semelhante a

[Ti
Que perdoas a iniquidade e
que te esqueces da rebelião
do restante da tua herança?
(Miqueias 7:18)

«Se vos entregardes a Ele e o O aceitardes como vosso Salvador, por muito culpada que seja a vossa vida, vós sois considerados justos, por causa d'Ele. O carácter de Jesus Cristo é substituído pelo vosso carácter, e assim tendes entrada até junto de Deus, como se nunca tivésseis pecado». (Vers Jé-sus, pág. 62).

A Fé

Os futuros viajantes do espaço, os que já sonham em «alunar»,

isto é em pisar a rude crosta do nosso satélite, possuem, sem dúvida, coragem e fé — coragem para defrontar os perigos do desconhecido e uma fé cega na ciência dos engenheiros.

Blondin, o célebre equilibrista quando se preparava para atravessar as quedas do Niagara numa corda, e empurrando um carrinho de mão, foi saudado por um seu admirador que lhe manifestou a sua inteira confiança no êxito da sua tentativa.

— «Se é assim, respondeu Blondin, venha daí e sente-se no carrinho!».

A fé é a qualidade essencial que o cristão deve possuir se quiser ir para o céu. (Veja-se Hebreus 11:6). É ela a pedra fundamental sobre a qual assentarão todas as outras virtudes do edifício cristão. (2 Pedro 1:1-8). Só aqueles que manifestarem a sua fé durante a vida poderão empregar a última etapa que conduzirá até ao Novo Mundo.

Por vezes desconhece-se a verdadeira natureza da fé. A fé é mais do que uma crença, mais do que um assentimento. É a alma da acção; é ela que governa toda a existência. A experiência de Abraão fornece-nos o exemplo de uma fé bem assente. Pela fé, ele obedeceu (Hebreus 11:8, saindo da sua terra para um lugar distante, de que nada sabia (v. 9); pela fé obteve aquela posteridade que a sua idade e a de Sara tornavam impossível (v. 11 e 12); pela fé também ele soube que podia contar inteiramente com as promessas de Deus (v. 13-17). Esta força interior inspirou o testemunho que ele deu, durante toda a sua vida, das suas convicções (v. 14); a fé levou-o a sacrificar à vontade de Deus os seus interesses pessoais, mesmo os mais caros.

Encontrar-se-á, no nosso coração, uma fé semelhante?

Se ela inspirar as nossas orações poderemos estar certos de que se abrirão para nós os tesouros celestes. (Veja-se Hebreus 10:22, porque aquele que faz a promessa é fiel).

A Santidade

Os sábios têm estado a experimentar as vestes protectoras que permitirão aos viajantes do espaço atravessar, sem inconvenientes, os campos de gravitação e de irradiação cósmicas. Uma simples veste para defrontar forças tão prodigiosas pode parecer uma precaução irrisória e talvez audaciosa. Mas a verdade é que se trata de uma condição também necessária para o bom êxito.

Também Deus previu tudo para o seu plano de viagem. Efectivamente, «transformará o corpo da nossa humilhação, tornando-o semelhante ao corpo da sua glória». (Filipenses 3:21). «Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal, se revista da immortalidade». (2 Coríntios 7:1. Veja-se Hebreus 12:4).

Jesus mencionou esta veste indispensável na parábola das bodas (Mateus 22:1-14). Um dos convidados foi posto fora, expulso para as trevas exteriores, porque não tinha a veste própria da festa. O vestido de «linho fino», a usar nas bodas do Cordeiro «são as obras justas dos santos». (Apocalipse 19:8).

Chegou o momento de tirar a medida para estas vestes indispensáveis para a projectada viagem através do espaço, que nos está preparada por Deus. Porque se não estivermos devidamente equipados com as vestes próprias, não entraremos na sociedade dos seres celestiais.

«Vivendo pela graça de Jesus, forma-se o carácter. A alma encontra, pouco a pouco a sua pureza original... O rosto dos que andam com Deus exprime a paz do

céu... O reino de Deus já começou para eles». (O Desejado de Todas as Nações).

Prezados jovens! Se desejardes conhecer esta alegria, se quereis ter a garantia de que tendes um lugar marcado para esta viagem, pela fé em Jesus, vosso Redentor, fazei vossa a seguinte oração:

Oração

«Senhor, toma o meu coração, porque não sei como te o hei-de dar. É que ele pertence-te, ó Senhor, por direito próprio! Guarda-o porque eu não sou capaz! Transforma-me, modela-me, eleva-me para uma atmosfera pura e santa, onde a torrente maravilhosa do teu amor me possa submergir inteiramente».

CURSOS DE LEITURA MV

Jovens

Como Curso de Leitura deste ano, os jovens poderão escolher «O Desejado de Todas as Nações» ou «O Conflito dos Séculos», qualquer destes livros ao preço especial de 30\$00.

Juvenis

Os juvenis têm à sua disposição as colecções das belas revistas «Nosso Amiguinho» e «O Atalaia» de Janeiro a Agosto de 1958, tudo pela simples importância de 10\$00.

CLASSES PROGRESSIVAS

É oportuno lembrar que a obtenção dos certificados de *Curso de Leitura e Ano Bíblico* é indispensável a todos os jovens que desejem candidatar-se a qualquer exame das Classes Progressivas.

ACAMPAMENTO MV DE 1959

Encorajamos os jovens que não disponham de meios suficientes para se deslocar e participar no próximo acampamento a que aproveitem uma bela oportunidade que lhes é oferecida a fim de os ajudar a obter a verba necessária. Para esse efeito, qualquer jovem poderá adquirir colecções de Janeiro a Agosto de 1958 das revistas «Nosso Amiguinho» e «O Atalaia», pelo preço do Curso de Leitura dos juvenis, e vendê-las por uma importância maior. Além do proveito material, isso constituirá um excelente trabalho missionário.



Desejando que esta Semana da Prece dos M. V. seja a mais abençoada de todas as que até aqui se têm realizado, fica ao vosso inteiro dispor, o vosso colaborador em Jesus Cristo

Samuel Reis

Hino para a Semana MV 1959

1.

*Meu coração,
Meu coração,
Mestre, todo ele Te dou.
Meu coração,
Meu coração,
Teu para sempre hoje sou.
Ouço o chamado, hei-de a Cristo exaltar,
Meu coração Lhe dar.*

2.

*Cristo é meu Rei,
Cristo é meu Rei,
Exaltá-Lo-ei co'amor.
Cristo é meu Rei,
Cristo é meu Rei,
Tudo a Seus pés vou depor.
Hoje e p'ra sempre me ponho no altar,
Para O servir e amar.*

(Melodias de Vitória, N.º 129)